



Imagens da morte nos periódicos ilustrados e humorísticos sul-rio-grandenses

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

68



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt
Cátedra CIPSH
de Estudos Globais
2020-2023



Imagens da morte nos periódicos ilustrados e humorísticos sul-rio- grandenses



COLEÇÃO
RIO-GRANDENSE



CONSELHO EDITORIAL/CIENTÍFICO

Alvaro Santos Simões Junior

- Universidade Estadual Paulista – Assis -

António Ventura

- Universidade de Lisboa -

Beatriz Weigert

- Universidade de Évora -

Carlos Alexandre Baumgarten

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul -

Ernesto Rodrigues

- CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco Gonzalo Fernandez Suarez

- Universidade de Santiago de Compostela -

Francisco Topa

- Universidade do Porto -

Isabel Lousada

- Universidade Nova de Lisboa -

João Relvão Caetano

- Cátedra CIPSH de Estudos Globais (CEG) -

José Eduardo Franco

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Maria Aparecida Ribeiro

- Universidade de Coimbra -

Maria Eunice Moreira

- Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul –

Maria Cristina Firmino Santos

- Universidade de Évora -

Vania Pinheiro Chaves

- CEG e CLEPUL – Universidade de Lisboa -

Francisco das Neves Alves

Imagens da morte nos periódicos ilustrados e humorísticos sul-rio- grandenses



UNIVERSIDADE
AbERTA 
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025



Biblioteca Rio-Grandense

Lisboa / Rio Grande
2024

DIRETORIA DA CÁTEDRA DE ESTUDOS GLOBAIS DA UNIVERSIDADE ABERTA/CIPSH/UNESCO

DIREÇÃO:

José Eduardo Franco (Coord)
Carla Oliveira
Cécile Méadel
Fabrice d'Almeida
João Luís Cardoso
José Ignacio Ruiz Rodríguez
Valérie Dévillard
Pierre-Antoine Fabre

COMISSÃO PEDAGÓGICA:

João Relvão Caetano (Coord.)
Darlinda Moreira
Jeffrey Scoot Childs
Rosa Sequeira
Sandra Caeiro

ASSESSORIA EXECUTIVA:

Cristiana Lucas (Coord.)
José Bernardino
Milene Alves
Paula Carreira
Susana Alves-Jesus

DIRETORIA DA BIBLIOTECA RIO-GRANDENSE

Presidente: Francisco das Neves Alves
Vice-Presidente: Pedro Alberto Távora Brasil
Diretor de Acervo: Ronaldo Oliveira Gerundo
1º Secretário: Luiz Henrique Torres
2º Secretário: Marcelo França de Oliveira
1º Tesoureiro: Valdir Barroco
2º Tesoureiro: Mauro Nicola Póvoas

Ficha Técnica

- Título: Imagens da morte nos periódicos ilustrados e humorísticos sul-rio-grandenses
- Autor: Francisco das Neves Alves
- Coleção Rio-Grandense, 68
- Composição & Paginação: Marcelo França de Oliveira
- Cátedra de Estudos Globais da Universidade Aberta/CIPSH/UNESCO
- Biblioteca Rio-Grandense
- Lisboa / Rio Grande, Fevereiro de 2024

ISBN – 978-65-5306-047-0

CAPA: FÍGARO. Porto Alegre, 22 dez. 1878.

O autor:

Francisco das Neves Alves é Professor Titular da Universidade Federal do Rio Grande, Doutor em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul e realizou Pós-Doutorados junto ao ICES/Portugal (2009); à Universidade de Lisboa (2013), à Universidade Nova de Lisboa (2015), à UNISINOS (2016), à Universidade do Porto (2017), à PUCRS (2018), à Cátedra Infante Dom Henrique/Portugal (2019), à UNESP (2020) e à Sociedade Portuguesa de Estudos do Século XVIII (2021). Entre autoria, coautoria e organização de obras, publicou mais de duzentos livros.

Apresentação

Um dos gêneros jornalísticos que ganhou bastante apreço e popularidade junto ao público leitor, mormente no Brasil das três últimas décadas do século XIX foi o da imprensa ilustrado-humorística voltada à divulgação da arte caricatural¹. Tal processo resultou na profusão de publicações destinadas à difusão da caricatura por diversas regiões do país, dentre elas a mais sulina das unidades administrativas brasileiras. Assim as mais importantes cidades sul-rio-grandenses do século XIX, Porto Alegre, o centro político-administrativo, Rio Grande, o mais relevante entreposto comercial e Pelotas, epicentro da produção pecuário-charqueadora, contaram com folhas caricatas de significativa qualidade editorial². Dentre tais semanários

¹ A respeito dos progressos desse gênero jornalístico no Brasil, ver: FLEIUSS, Max. A caricatura no Brasil. *Revista do Instituto Histórico e Geográfico Brasileiro*. Rio de Janeiro: IHGB, 1917. t. 80. p. 583-609.; LIMA, Herman. *História da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: José Olympio, 1963.; MAGNO, Luciano. *História da caricatura brasileira: os precursores e a consolidação da caricatura no Brasil*. Rio de Janeiro: Gala Edições, 2012.; MONTEIRO LOBATO, José Bento Renato. A caricatura no Brasil. In: *Ideias de Jeca Tatu*. São Paulo: Brasiliense, 1946. p. 3-21.; e TÁVORA, Araken. *D. Pedro II e o seu mundo através da caricatura*. Rio de Janeiro: Editora Documentário, 1976.

² Acerca do periodismo voltado à caricatura praticado nessas três cidades, observar: FERREIRA, Athos Damasceno.

estiveram os porto-alegrenses *Fígaro* e *O Século*; os pelotenses *Cabrimon* e *A Ventarola*; e os rio-grandinos *O Diabrete*, *Maruí* e *Bisturi*³. Dentre as diversificadas temáticas abordadas por tais folhas ilustradas, a morte esteve habitualmente presente.

O término da vida constituiu um tema recorrente nas representações iconográficas da imprensa ilustrada e humorística sul-rio-grandense. Pode-se pensar e sentir “que a sociedade é composta ao mesmo tempo de mortos e vivos, e que os mortos são tão significativos e necessários quanto os vivos”. Nesse sentido, “a cidade dos mortos é o inverso da sociedade dos vivos ou, mais que o inverso, sua imagem, e sua imagem *intemporal*”, uma vez que “os mortos passaram pelo momento da

Imprensa caricata do Rio Grande do Sul no século XIX. Porto Alegre: Globo, 1962.

³ Um histórico sobre cada um dos periódicos pode ser observado a partir de: ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e a caricatura no Rio Grande do Sul: três estudos de caso*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 9-12, 35-36 e 66-69.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher transmutada em símbolo no periodismo caricato porto-alegrense do século XIX*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-11, 22-23 e 40-41.; ALVES, Francisco das Neves. *A mulher e o casamento nas páginas do hebdomadário gaúcho O Século*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2019. p. 7-8.; ALVES, Francisco das Neves. *A representação através do feminino na caricatura pelotense oitocentista*. Lisboa; Rio Grande: Cátedra Infante Dom Henrique; Biblioteca Rio-Grandense, 2020. p. 9-10 e 45-46.; e ALVES, Francisco das Neves. *A pequena imprensa rio-grandina no século XIX*. Rio Grande: Editora da FURG, 1999. p. 170-217 e 219-243.

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

mudança, e seus monumentos são os signos visíveis da perenidade da cidade”⁴. O ser humano constitui “a única espécie consciente da mortalidade de seus membros” e tal “consciência faz parte da adaptação autocrítica dos homens ao mundo, que é a cultura, e está em relação com a significação do indivíduo no corpo social”. É por meio dessa consciência “que o homem se distingue mais nitidamente dos outros seres vivos e sua vida adquire o que ela tem de mais fundamental”. Como um “fenômeno social, a morte e os ritos a ela associados consistem na realização do penoso trabalho de desagregar o morto de um domínio e introduzi-lo em outro”⁵. Nesse quadro, “um dos caracteres necessários da morte é a sua publicidade”⁶, ação para a qual a imprensa viria a ter um papel fundamental.

Uma das representações da morte divulgadas nas páginas dos periódicos caricatos apareceu suavizada simbolicamente e esteve vinculada ao “culto da memória”. Esse “culto dos mortos é um culto da lembrança ligado ao corpo, à aparência corporal”, o qual “surtiu no século XVIII e se desenvolveu no século XIX”, de modo que “nasceu no mundo das luzes” e “desenvolveu-se no mundo das técnicas industriais”⁷. Assim, a morte celebrada nos atos funerários “só pode se apresentar em sua função de memória coletiva” de

⁴ ARIÈS, Philippe. *História da morte no Ocidente: da Idade Média aos nossos dias*. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2012. p. 78.

⁵ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 23 e 32.

⁶ ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 29.

⁷ ARIÈS, 2012. p. 100, 203-204.

acordo com a qual “a epopeia não é feita para os mortos” e, “quando ela fala deles, ou da morte, é sempre aos vivos que ela se dirige”. Poderia ocorrer dessa maneira, a “sobrevivência heroica na memória popular, guardada para sempre”, pela ação da imprensa, garantindo-se “a sobrevida” dos mortos considerados ilustres⁸.

A morte associada à memória vem ao encontro da premissa segundo a qual “o absurdo da finitude humana reside em parte no fato de que a morte física não basta para realizar a morte nas consciências”. Nessa linha, “as lembranças daquele que morreu continuam sendo uma forma de sua presença no mundo”, e tal “presença só arrefece aos poucos, lentamente, por meio de uma série de dilaceramentos de que são vítimas os sobreviventes”. Desse modo, “a consciência não consegue pensar o morto como morto e por isso não pode se furtar a lhe atribuir uma certa vida” e “a morte definitiva não é determinada pela realidade natural mais que pelas instituições sociais”, ou seja, “o defunto conserva ainda, por algum tempo, determinados poderes e direitos, mais ou menos duradouros segundo as diferentes culturas”. O esquecimento poderia assim “desagregar e desestruturar a imagem do social no corpo projetada e introjetada”, o que traria consigo “uma ameaça fundamental”, pela qual “a morte do corpo” viesse a se tornar a “morte do símbolo que o corpo é, a morte do símbolo da estrutura social”⁹. A preservação da memória por meio da biografia e da iconografia do morto revela “a recusa inveterada de assimilar o fim do

⁸ GIACOIA JÚNIOR, Oswaldo. A visão da morte ao longo do tempo. In: *Medicina* (Ribeirão Preto) 2005; 38 (1), p. 14 e 19.

⁹ RODRIGUES. p. 18-19 e 30.

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

ser à dissolução física”. Dessa forma passava a imaginar-se “um prolongamento que nem sempre ia até à imortalidade do bem-aventurado, mas que arranjava pelo menos um espaço intermédio entre a morte e a conclusão definitiva da vida”, para o qual recursos como o uso dos túmulos, dos epitáfios e das efígies passam a ser relevantes e recorrentes¹⁰.

Por outro lado, a caricatura rio-grandense-do-sul expressa por meio da imprensa especializada em tal arte, trouxe outra forma de representação da finitude da vida, na qual a morte aparecia de maneira mais explícita e em sua plena crueza. Em oposição à versão anterior, a morte escancarada vinha de encontro a “um sentimento”, que se caracterizava por “evitar à sociedade a perturbação e a emoção excessivamente fortes, insuportáveis, causadas pela fealdade da agonia e pela simples presença da morte em plena vida feliz”. Nesse caso, o fim da vida deixava de lado a perspectiva de “uma morte aceitável”, ou seja, aquela “que possa ser aceita ou tolerada pelos sobreviventes”, e passava a ser observado assim por “suas características perturbadoras e brutais”, abandonando a visão sublimada¹¹. Surgia assim a imagem do “cadáver que apodrece”, com “sua qualidade de antilinguagem agressiva”, sendo o mesmo “quase sempre considerado perigoso, às vezes repugnante”¹².

Essas dicotômicas versões refletem um sistema que “reconhece posições explícitas e definidas”, e “também poderes controlados, conscientes e

¹⁰ ARIÈS, 2000. p. 133 e 284.

¹¹ ARIÈS, 2012. p. 85, 87 e 151-152.

¹² RODRIGUES. p. 37 e 48.

aprovados”. Entretanto, na ocasião em que “o sistema se defronta com o que é ambíguo e hesitante”, aparecem “poderes incontrolados inconscientes, desaprovados e perigosos”. Nesse sentido se estabelece um contexto em que “tudo o que representa o insólito, o estranho, o anormal, o que está à margem das normas”, aquilo que “é intersticial e ambíguo, anômalo, desestruturado, pré-estruturado e antiestruturado”, e “tudo o que está a meio caminho entre o que é próximo e predizível e o que é longínquo e está fora das preocupações”, além daquilo “que está na proximidade imediata e fora do controle”, tende a tornar-se “germe de insegurança, inquietação e terror”, convertendo-se “imediatamente em fonte de perigo”¹³.

Ao contrário da imprensa que se dizia séria, na qual em geral prevalecia a perspectiva da morte sublimada e associada à memória, além desta mesma, a caricatura deu espaço também à óptica do fenecimento em toda a sua hediondez. Aparecia desse modo a ação da arte caricatural no sentido de “atentar contra os padrões de decoro e autocontrole, inibindo o assim chamado processo civilizador”¹⁴. Tal versão, “apesar de sua indelicadeza intrínseca – a qual, no limite não esconde seu tom de grosseria –” apresentava também seus alcances, “sobretudo, quando demole as bases de

¹³ RODRIGUES. p. 51.

¹⁴ SALIBA, Elias Thomé. Humor e esfera pública. In: SALIBA, Elias Thomé; VIEIRA, Thais Leão & ALMEIDA, Leandro Antonio. *Além do riso: reflexões sobre o humor em toda parte*. São Paulo: LiberArs, 2021. p. 28.

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

um pudor social afetado e abala a segurança dos protocolos e hábitos arraigados”¹⁵.

¹⁵ SALIBA, Elias Thomé. Humor e tolerância, intolerância ao humor. In: COSTA, Cristina (org.). *Comunicação e liberdade de expressão: atualidades*. São Paulo: Escola de Comunicações e Artes da USP, 2016. p. 41-42.

SUMÁRIO

A sublimação da finitude da vida / 19

A morte escancarada / 85

A sublimação da finitude da vida

Uma das formas de divulgar os falecimentos por parte das publicações humorístico-ilustradas rio-grandenses-do-sul foi a de apresentá-los por meio de representações textuais e iconográficas sublimadas. Para tais representações, a expressão sublimar pode ser observada a partir de dois dos seus sentidos, ou seja, de um lado, tornar sublime, exaltar, enaltecer, engradecer; e, de outro, como sinônimo de depurar, purificar ou expurgar todo o conteúdo que pudesse ser considerado impuro ou estranho. Nesse sentido, a morte era vislumbrada a partir de um olhar figurativamente pasteurizado, visando a escamotear muito de seus fenômenos nefastos e valorizar o papel do falecido, em busca de mantê-lo vivo, ao menos em termos de memória social.

De acordo com tal perspectiva, a morte do vereador porto-alegrense, José Martins de Lima, considerado protetor de um espaço público da capital sul-rio-grandense, a Praça da Harmonia, ocorrida em 1878, foi noticiada iconograficamente pelo ilustrado-humorístico da localidade. O *Figaro* apresentava o túmulo do personagem, com a sua efígie estampada, em frente ao qual aparecia uma figura feminina que representava a caridade, e trazia uma coroa de flores em homenagem ao falecido, com a inscrição “saudades”. A gravura era acompanhada de breve texto panegírico, segundo o qual “aos gênios e aos heróis” estavam reservadas “as páginas da história”, e, “aos grandes

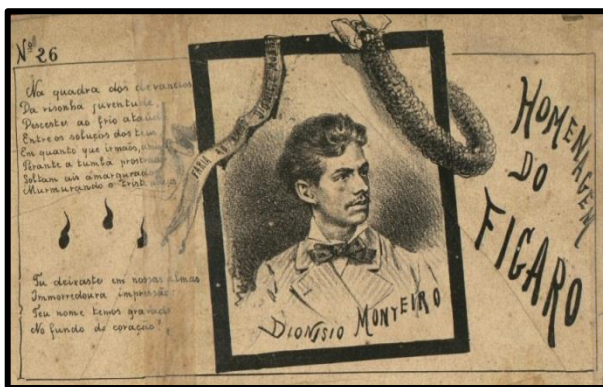
corações” caberia “a benção popular”, de modo que se postava “a caridade em face à tua memória”, assim como fazia “um anjo diante de um altar” (FÍGARO, 22 dez. 1878).



Outro registro de falecimento do *Fígaro* foi o do jornalista, escritor e dramaturgo Dionísio Monteiro, o qual foi muito lamentado, inclusive por tratar-se de um de seus colaboradores. O intelectual gaúcho era apontado como um “caráter adorável”, dono de “fronte elevada e altiva” e de um “coração nobre e entusiasta”. Outros qualificativos lançados ao morto foram “a grandeza da alma, a inquebrantável firmeza de caráter, o devotado amor às letras e ao progresso do século”, constituindo o seu falecimento “uma perda irreparável para a literatura rio-grandense, de que era ele esperançoso cultor”. De acordo com o periódico, tal “passamento assinala na sociedade porto-alegrense uma sensível lacuna”, tendo em vista sua atuação como

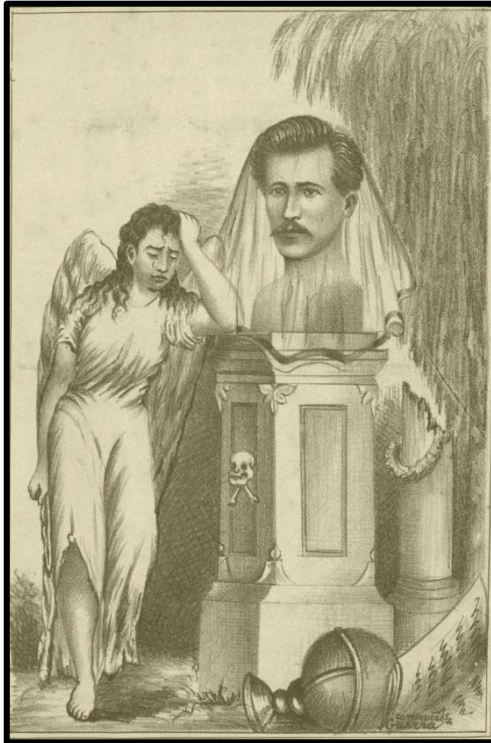
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

“folhetinista gracioso” e suas “apreciações humorísticas sobre fatos da atualidade”, bem como na condição de “dramaturgo novel”, que se ensaiara “neste gênero da literatura, compondo alguns dramas, que foram levados à cena no teatro”. Com aquela homenagem, a folha estaria “cumprido o doloroso dever de vir pagar um tributo à memória” do finado, que vira a repousar “em paz na eterna mansão dos justos, como merecido galardão do muito” que representara “sobre a terra” (FÍGARO, 13 abr. 1879).

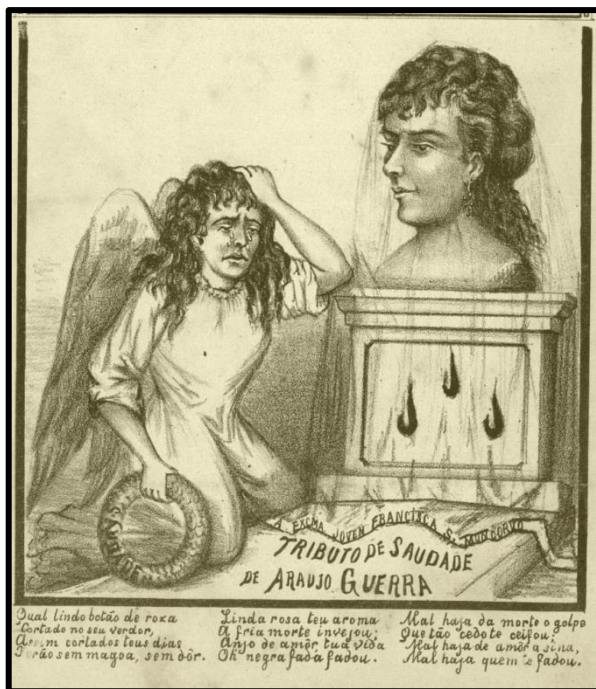


O periódico ilustrado-humorístico pelotense *Cabron* também trouxe registros imagéticos da morte, como foi o caso do militar Inácio Lucas de Souza, apontado como o “inditoso tenente”, que fora “barbaramente assassinado na corte”, de modo que “sobre a campa” do mesmo “verte a pátria querida uma lágrima de saudade”. A ele foi dedicada gravura na qual a efígie do morto, coberta pelo crepe do luto, aparecia sobre uma coluna fúnebre, contando com o prantear de uma figura angelical, ao passo que objetos que

denotavam conhecimento surgiam espalhados pelo chão (CABRION, 18 maio 1879). Um dos responsáveis pela edição do semanário caricato rendeu tributo “à Exma. jovem Francisca da Silva Moncorvo”, por meio de ilustração funérea e versos, além de nota a qual lembrava que “após longos sofrimentos”, a falecida “entregou sua alma a Deus”. Ela era qualificada como “mais uma flor que tombou de sua haste e foi beijar o pó das sepulturas”, demarcando a redação que não poderia “deixar de traçar estas linhas como tributo de nosso sentimento” (CABRION, 3 ago. 1879).



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



Participante da Guerra do Paraguai, o marquês do Herval, também foi homenageado pelo hebdomadário de Pelotas por ocasião de sua morte. O retrato do personagem foi estampado, cercado por uma coroa de louros “à memória do legendário general”. A esse respeito dizia a folha que “se cobriu de negro crepe a heroica província do Rio Grande do Sul”, considerando a personalidade como “uma das mais brilhantes glórias”, que “tombou inanimada na gelidez da campã”. Era descrito ainda como “o soldado destemido que desde 1835 até a campanha do Paraguai mostrara-se digno filho deste torrão americano”, de maneira que, mesmo tendo deixado de existir, “seus

feitos, escritos em letras de ouro nas páginas da nossa história, transporão as eras futuras cercadas de glórias imarcescíveis". De acordo com o semanário, o militar falecido "foi um benemérito da pátria, um dos que mais se sacrificou nessa penosa campanha que o Brasil sustentou contra o ditador Solano Lopez", cumprindo, "pois, que este povo, que o admirava em vida e que tão cioso é de suas glórias, faça por perpetuar no mármore ou no bronze o nome desse invicto militar", vindo a dedicar "sobre a tumba do legendário soldado uma coroa de saudades" (CABRION, 12 out. 1879).



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

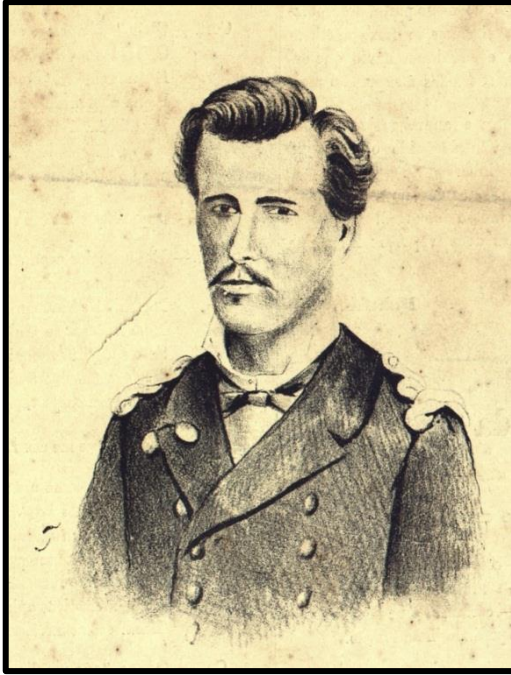
O periódico rio-grandino *O Diabrete* prestou seu tributo fúnebre ao alferes Gustavo Adolfo, o qual era apontado como “bravo e destemido”, tendo sido “vítima da prepotência dos mandões da atualidade”, referindo-se à violência praticada pelas lideranças oligárquicas nas diversas esferas do país (O DIABRETE, 15 set. 1878). Já Josefina Gentile, descrita como “vítima da ignorância”, foi outra personagem homenageada pelo semanário, que dedicava a ela “uma lágrima sobre o túmulo”. Considerava que tal morte constituía uma “fatalidade”, quando “passou o vento gélido do sepulcro, para sempre” abismando-se “no silêncio tétrico da morte”. Dizia que “nada nos resta dela, além de uma saudade lancinante e amarga, de uma recordação perpetuada no silêncio eloquentíssimo da dor”. Concluía que “uma sociedade inteira lamenta a morte”, vertendo “uma sincera lágrima de saudade, como tributo doloroso à memória santa”, de modo que, na primeira página retratava a “inditosa jovem”, como “um singelo tributo de respeito à sua memória” e “um preito de admiração às suas virtudes” (O DIABRETE, 8 dez. 1878).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

O militar Inácio Lucas de Souza foi também homenageado por *O Diabrete*, que o apresentava como “tenente do Estado Maior de 1ª classe” e “bacharel”, que fora “barbaramente assassinado na cidade do Rio de Janeiro”. O periódico manifestava “o mais sincero sentimento” em relação ao “desventurado tenente traiçoeiramente assassinado”, distinguindo-o como “militar distinto e estudioso”, que honrava a “classe a que pertencia”. Dizia que aqueles “que morrem moços gravam no coração um pesar inexpressível”, esclarecendo que tal “sentimento transforma-se em uma dor dilacerante”, quando se via “que foi a mão covarde de um bandido que veio apressar o termo de uma existência preciosa, cheia de entusiasmo e de veementes aspirações”, constituindo “o mais degradante dos crimes que cobriu de luto uma família extremosa”. A redação arrematava a matéria, ressaltando que seus integrantes eram “apreciadores do talento e do elevado caráter” do morto, de maneira que rendiam “à memória do distinto oficial a nossa homenagem de respeito” (O DIABRETE, 11 maio 1879).



Uma personalidade ligada às lides intelectuais e educacionais sul-rio-grandenses, Frederico Bier, recebeu de *O Diabrete*, uma “homenagem à memória do distinto rio-grandense”, aparecendo sua efígie, com a imagem de uma menina que pranteava o seu falecimento, além de vários símbolos inerentes ao conhecimento (*O DIABRETE*, 1º jun. 1879). Um outro “tributo de saudade” foi dedicado “à memória de Bertolina Soares de Lima”, que teria abandonado “as rosas da existência, na quadra festival dos devaneios” (*O DIABRETE*, 6 jun. 1879). Sem a identificação do nome, o periódico registrou a morte de um artista plástico, identificado pelas obras e pelos utensílios típicos de tal profissão,

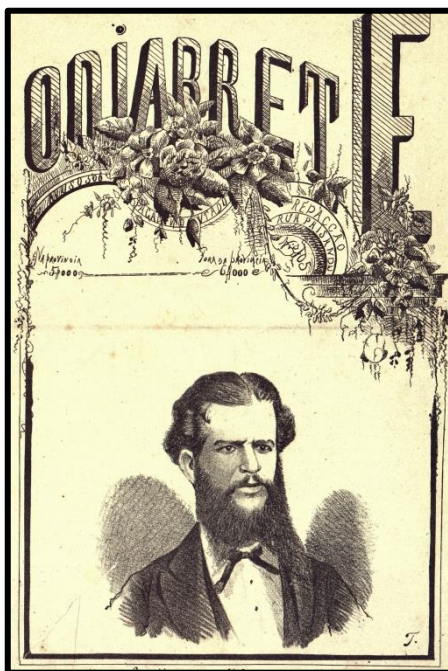
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

espalhados pela cena de sua morte, transmitindo a serenidade do falecimento ocorrido durante o sono, em sua própria cama, enquanto uma musa dedicava-lhe uma coroa de louros e o ceifador de vidas adentrava o ambiente para carregar sua alma (O DIABRETE, 9 nov. 1879). Ainda outra personalidade que pereceu foi trazida às páginas do hebdomadário apenas com a estampa de seu retrato, tratando-se de Manoel Moreira Ilha, que teria sido “bárbara e traiçoeiramente assassinado na capital da província” (O DIABRETE, 23 nov. 1879). Uma cena de batalha naval encimada pelo retrato do homenageado servia para ilustrar a referência ao contra-almirante peruano Miguel Grau, “morto gloriosamente” durante combates da Guerra do Pacífico, na qual se envolveram Peru, Bolívia e Chile (O DIABRETE, 30 nov. 1879).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E
HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



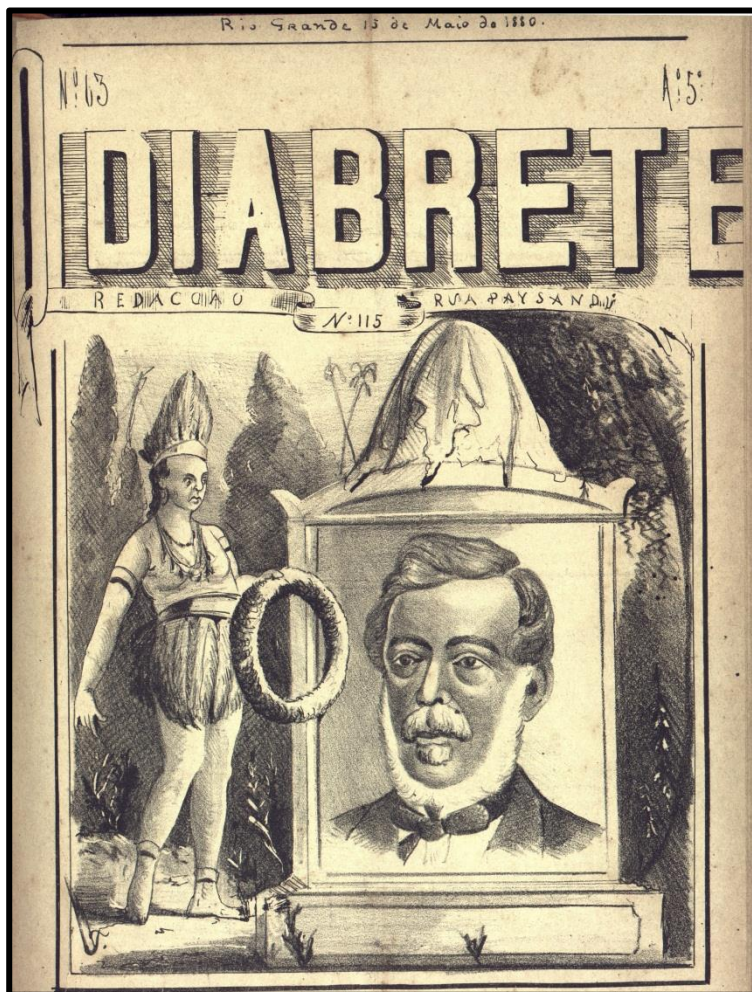


O veterano de tantas guerras nas quais se envolveu o império brasileiro, Luís Alves de Lima e Silva, o Duque de Caxias, foi também homenageado em sua morte por *O Diabrete*. Sua efígie demarcada em pedra tumular recebia uma coroa de louros de um indígena, em alusão à nação brasileira, o qual estaria a proferir a frase: “O Brasil pranteia a morte de seu mais dileto filho”. Também seu retrato junto de um canhão, em alusão à sua vida militar e do pavilhão nacional, em referência aos vínculos pátrios, foi outro dos registros iconográficos realizados pelo periódico no seu tributo em memória do militar. Nessa linha, o semanário declarava que, “como toda a imprensa brasileira, vem

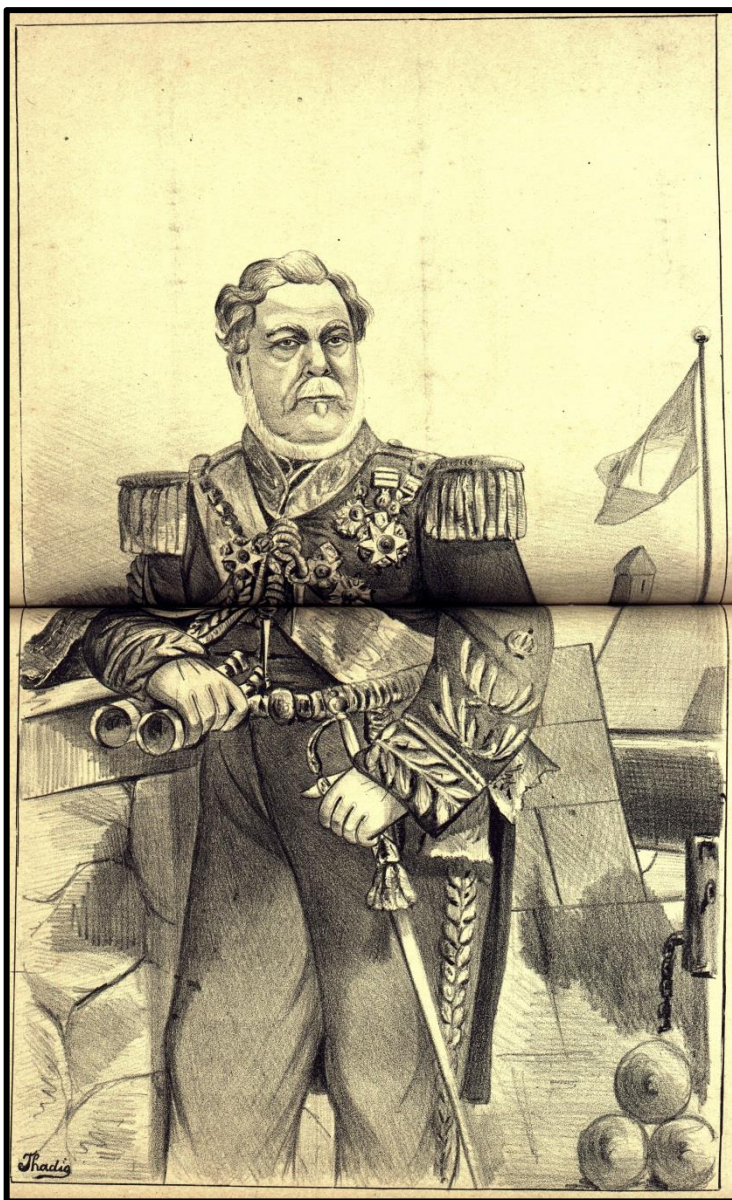
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

prestar o preito de suas homenagens à memória do mais glorioso general brasileiro”, considerado como “a mais viva encarnação do patriotismo”. Narrava que foram “setenta e sete anos de existência”, dedicados, “desde tenra idade ao serviço da pátria, glorificando-a com os seus triunfos e defendendo a sua honra e integridade nas mais graves e arriscadas emergências”. Caxias era ainda descrito como “o mais estrênuo e incansável servidor nacional”, de modo que “as honras com que os governos o galardoaram não correspondem à inextinguível e sublime dedicação que votou”, por “mais de meio século, à terra em que nascera e que se orgulhava de contá-lo como filho ilustre e benemérito”. Apontava que “a morte de um homem como Caxias, na Europa, seria considerada uma perda imensa, e provocaria as mais profundas demonstrações de sentimento público”, ao passo que, “no Brasil, infelizmente, ainda não se compreende quanto valem homens” como ele, “e por isso a notícia do seu trespasse foi recebida com indiferença”. Ressaltava que “apenas a classe militar, por espírito de classe e em quem, diga-se em honra à verdade, está mais acentuado o sentimento de patriotismo”, teria sido aquela que “cumpriu o nobre e sagrado dever de honrar com as solenidades do cristianismo a memória imortal do invicto general”. Ao final, constatava que “a morte de Caxias é uma perda nacional”, pois “homens de sua têmpera, e do seu valimento, são raros, raríssimos”, vindo a constituir “legítimas glórias da pátria, que deve venerá-lo por dever de gratidão, e como estímulo a futuros servidores”. Em conclusão, o periódico demarcava que, “apresentando na sua página de honra o retrato do glorioso general brasileiro, nada mais faz que cumprir

um doloroso mas grato dever" (O DIABRETE, 13 maio 1880 e 23 maio 1880).



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E
HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



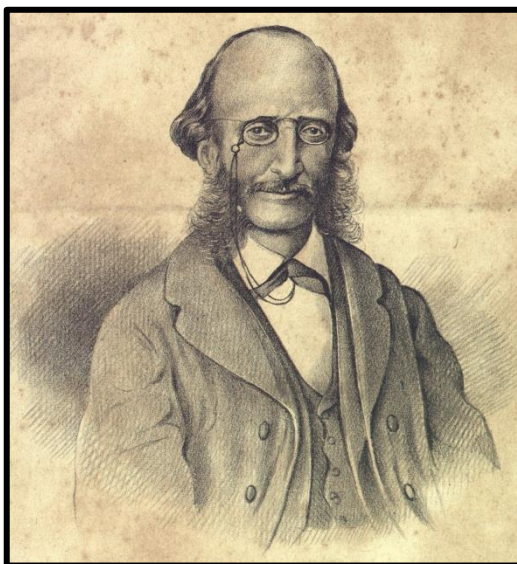
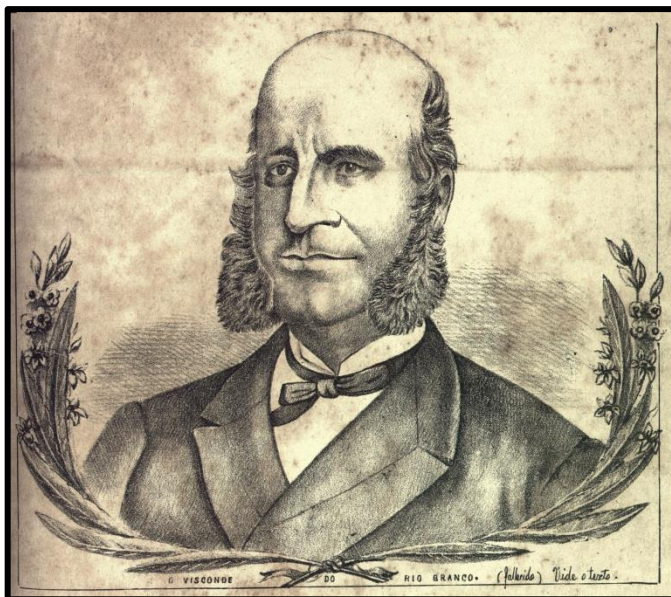
Com atuação significativa na Guerra do Paraguai, na condição de enfermeira, a morte de Ana Justina Ferreira Nery não passou despercebida por *O Diabrete*, dedicando-lhe sua página de honra e informando que “faleceu essa grande patriota, que o exército reconhecidamente apelidou – ‘a mãe dos brasileiros’”. A narração se concentrou na participação da personagem na campanha do Paraguai, onde teria permanecido até o fim, só se retirando no momento em que “a pátria não carecia mais de sua dedicação e patriotismo”. Foi enfatizada também sua ação filantrópica e humanitária no tratamento dos enfermos, de modo que, “com justa gratidão, a história registrará seu nome” (*O DIABRETE*, 5 jun. 1880). Outro personagem em destaque tendo em vista seu passamento foi o visconde do Rio Branco, cuja efígie foi apresentada emoldurada por uma coroa de louros. O político brasileiro era lembrado como um dos promotores de uma das legislações emancipacionistas brasileiras, através de matéria segundo a qual “todos se curvam contristados perante o ataúde do ilustre emancipador do ventre escravo”, de maneira que o semanário rio-grandino não poderia “passar indiferente e sem descobrir diante do grande vulto da pátria, que acaba de transpor os umbrais da eternidade”. De acordo com tal perspectiva, a folha pedia “permissão para tomar parte entre os que, em frase sentida, deploram a grande perda que vem de sofrer o país”, uma vez que o visconde do Rio Branco “foi uma glória nacional”, sendo justo, “portanto, que todos pranteemos a sua morte, tanto mais que da sua portentosa inteligência tinha a pátria ainda a esperar muitos e relevantes serviços” (*O DIABRETE*, 7 nov. 1880). O músico alemão Jacques Offenbach, que adotou a França como lar, dedicando sua

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

carreira à ópera e ao teatro, também esteve dentre os homenageados pelo hebdomadário rio-grandino, que lhe dedicou sua denominada página de honra (O DIABRETE, 21 nov. 1880). Outro que dedicou sua vida à música e igualmente atuou em composições para óperas e teatro, Francisco Sá Noronha, nascido em Portugal, mas que desenvolveu sua carreira entre tal país e o Brasil, recebeu idêntica homenagem da folha ilustrada rio-grandina (O DIABRETE, 20 fev. 1881).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



Outra folha rio-grandina que prestou homenagem ao Duque de Caxias foi o *Maruí*, apresentando o seu retrato na primeira página, como uma “memória que rende” o periódico “ao invicto cabo de guerra”. O semanário informava que “há poucos dias nos transmitiu o telégrafo a desagradável notícia do falecimento do invicto cabo de guerra que sobre a terra chamou-se Duque de Caxias”. Dizia que “recapitular aqui, neste pequeno espaço todas as glórias que aureolaram o nome daquele varão” seria “um trabalho insano que às forças da nossa pena não cabem”, de modo que apenas reportava os seus “leitores à História do Brasil”, na qual ele “ocupa um lugar brilhantíssimo”. Ao apresentar a representação iconográfica do

personagem, o hebdomadário pretendia demonstrar “a única prova de admiração que lhe podemos dar”, pois “a pátria chora a morte de um de seus filhos mais queridos” (MARUÍ, 16 maio 1880).



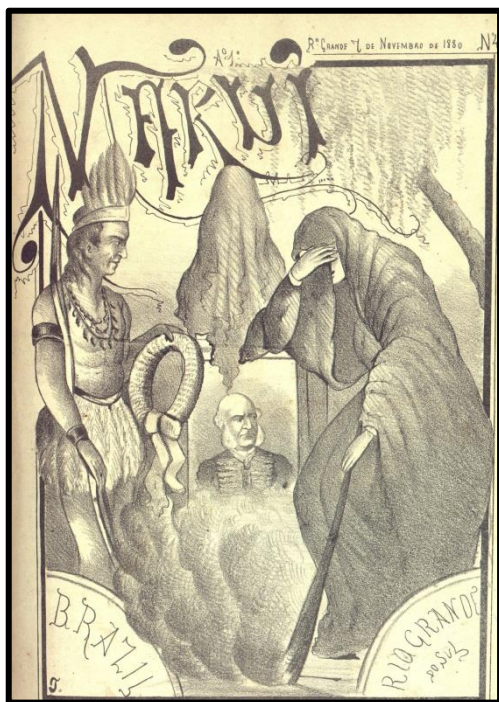
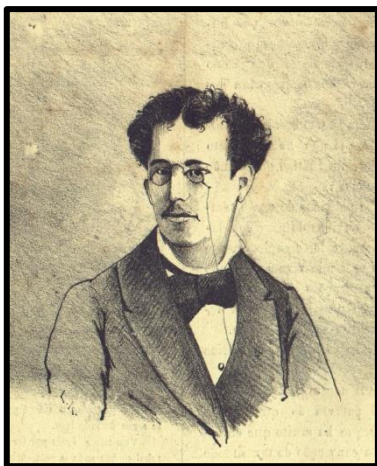
Os tributos fúnebres do *Maruí* passaram também pela enfermeira Ana Justina Ferreira Nery, também com relevante participação na Guerra do Paraguai, sobre a qual era afirmado que “grandes foram os serviços que prestou aos compatriotas, que gemiam no leito de dor nos hospitais sedentários do Paraguai” e “que o exército reconhecidamente apelidou-a mãe dos brasileiros” (MARUÍ, 6 jun. 1880). A folha ilustrada ainda prestou um “tributo de saudade” ao “inditoso jovem Álvaro Antônio dos Santos, há pouco falecido”, sem chegar a apresentar uma nota sobre a morte, a não ser o próprio

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

registro de sua efígie (MARUÍ, 27 jun. 1880). Outra personalidade política a ser homenageada pela publicação caricata rio-grandina foi o visconde do Rio Branco, cujo retrato era pranteado por uma figura feminina, ao passo que a representação da nação – o indígena – destinava uma coroa de flores para o morto. A tal respeito, a publicação dizia que “o golpe que feriu com a morte do visconde do Rio Branco, o coração da pátria e todos os bons compatriotas”, teria atingido “também o *Maruí*, que se presa de venerar os grandes vultos desta jovem e esperançosa nacionalidade”. Dessa maneira, a redação tomava “parte no luto geral e sobre a tumba do egrégio patricio”, depositava a sua “coroa de saudades” (MARUÍ, 7 nov. 1880).



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

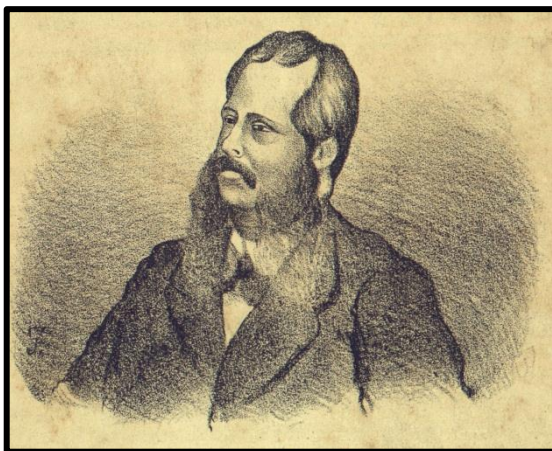
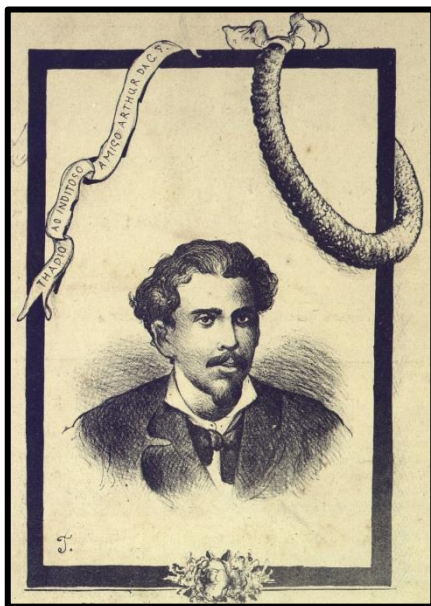


IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

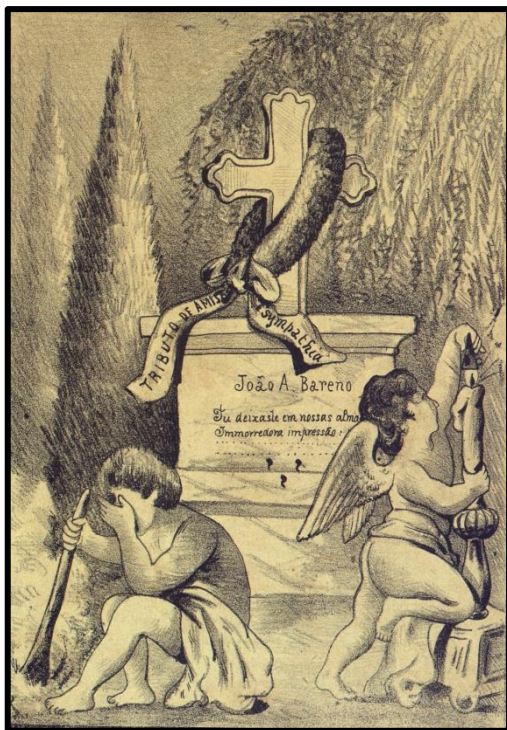
Sem outras referências que o retrato de Arthur da Cruz Ferreira, como “homenagem do *Maruí*”, identificado em faixa como “inditoso amigo” do redator/desenhista da folha, o hebdomadário realizava mais um registro funéreo (MARUÍ, 23 out. 1881). Uma outra “sincera homenagem do *Maruí*” foi prestada ao comerciante local Cristóvão Eugênio Carracena, identificado como “vítima da bondade”. A respeito do morto, o periódico afirmava que “possuía um nobre coração e uma alma generosa”, sendo “honesto em toda a acepção da palavra” e “cavalheiro como os que mais o sabem ser”, bem como “um desses caracteres que impõe pela bondade, que cativam pela sinceridade” e “fascinam pela altivez”. Ainda era qualificado como o “tipo de probidade e honradez” e “o seu nome” constituiria “a mais segura garantia da confiança que gozava na distinta classe comercial da qual era digno membro”. Teria sofrido “reveses em sua sorte, levado pela sua excessiva bondade e pela sua boa fé”, chegando a ver-se “ameaçado de uma bancarrota em sua modesta casa comercial”, recuperando-se a partir da “confiança dos amigos que viram nele uma vítima da fatalidade e não um especulador vulgar”, vindo assim, com “o trabalho insano”, a consolidar “o seu crédito”, de modo que, “sempre modesto mas altivo”, vencera “as calúnias que lhe atiravam seus miseráveis detratores” (MARUÍ, 18 dez. 1881). O falecimento de um jovem trouxe um novo “tributo de amizade e simpatia” de parte do semanário, que apresentou o túmulo de João A. Bareno, adornado com figura angelicais e a mensagem de que “tu deixaste em nossas almas imorredoura impressão”, sendo o “desventurado moço” caracterizado pela “franqueza dos sentimentos e a sinceridade do coração”,

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

o qual seria “repleto de bondade” (MARUÍ, 23 abr. 1882).

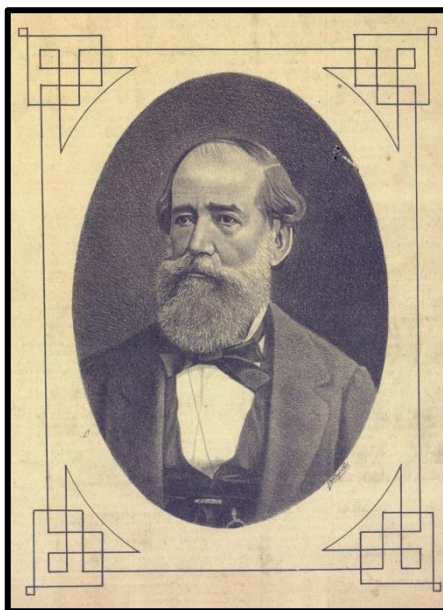


IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



As homenagens fúnebres também foram comuns nas páginas do periódico ilustrado porto-alegrense *O Século*. Já na sua primeira edição trazia a efígie do “Dr. Luís da Silva Flores”, médico e político gaúcho, caracterizado pela ação humanitária e assistencialista. O falecido era qualificado como um “caráter nobre e leal, tipo brilhante do verdadeiro político, edificante modelo de chefe de família, amigo sincero e dedicado”, constituindo “uma glória rio-grandense, pelo saber e pelas virtudes”. Teria prestado “relevantíssimos serviços ao país e, sobretudo, à heroica província do Rio Grande do Sul”, a qual “o afagava como um dos seus mais

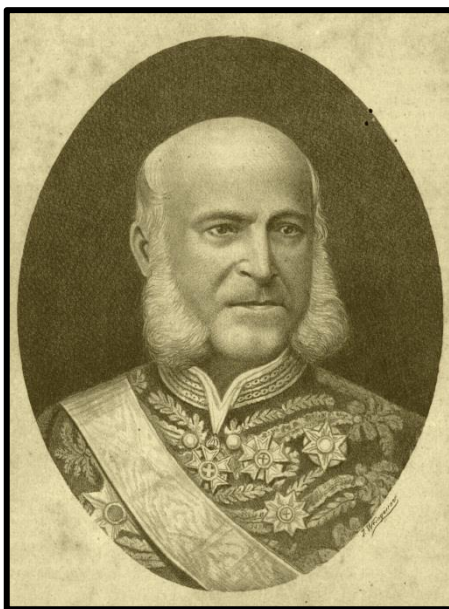
proeminentes filhos, um ativo e forte propugnador dos interesses dos seus habitantes”, que nele viam um “verdadeiro e desinteressado advogado”. A folha considerava que “a vida” do falecido fora “um evangelho de caridade”, o que seria observado principalmente pelos pobres, que lamentavam seu passamento. Em conclusão, o semanário dizia ter honrado “a memória” do Dr. Flores, ao “prestar uma homenagem de respeito às virtudes” do falecido (O SÉCULO, 11 nov. 1880).



Assim como outras publicações ilustradas e humorísticas sul-rio-grandenses, *O Século* também prestou seu tributo ao visconde do Rio Grande. Segundo o hebdomadário, com o passamento do político, o Brasil

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

passava por um momento de “transe doloroso”, pois ele viria a constituir a “sagração de todos os heroísmos do talento e do trabalho”. O morto era visto como um “varão ilustre”, um “espírito organizador e inspirado das mais belas intuições do progresso” e um “atleta da palavra”, sendo enaltecidas as suas ações parlamentares, mormente quanto à Lei do Ventre Livre. A folha considerava que tal personagem iria “para o túmulo chorado por toda a nação, lamentado pela culta Europa” e “sufragado enfim pela humanidade, a cujas aspirações prestou o concurso de seu gênio” (O SÉCULO, 25 nov. 1880).



O engenheiro e político brasileiro Manoel Buarque de Macedo, responsável por importantes obras

e projetos envolvendo meios de transporte, como o ferroviário e o portuário, foi outro que recebeu um preito fúnebre de parte da folha ilustrada porto-alegrense. Ao estampar a efígie da personalidade em destaque, a redação dizia que, “honrando hoje as páginas do *Século* com o retrato do ilustre conselheiro, tributamos à honradíssima memória desse eminente patriota a homenagem” a qual estaria “obrigado todo o brasileiro em cujo coração aninharem-se os sentimentos de patriotismo e honestidade” (O SÉCULO, 18 set. 1881).



Também do contexto internacional ocorreram registros funéreos de parte da publicação da capital gaúcha, como foi o caso de James Abraham Garfield, presidente norte-americano, que fora “vilmente assassinado”, sendo publicados o seu retrato e uma breve biografia. De acordo com a folha, “o nome que o

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

presidente dos Estados Unidos deixa na história do seu país é dos mais puros que ela para sempre registrará”, uma vez que “a sua dedicação à causa pública, assim nos campos de batalha como no Congresso”, não teria sido desmentida, “quando o voto da União o chamou às mais altas funções do Estado”. Ao concluir, o periódico constata que, “ferido no seu posto de honra”, Garfield morreria “com a consolação de que a sua morte seria pranteada debaixo de todos os tetos da União, como a de um filho extremoso e estremecido”, vindo a ser “guardada a sua memória como uma das veneráveis tradições da República” (O SÉCULO, 16 out. 1881).



O passamento de um militar, aparentado com o responsável pela edição de *O Século*, foi igualmente lamentado pelo periódico porto-alegrense. Tratava-se do tenente-coronel João de Castro do Canto e Melo, cuja morte fora um “triste acontecimento” que viera a “profundamente magoar a sociedade local”, na qual “o

finado ocupava um eminente lugar pelo seu caráter imaculado, pelas suas alevantadas virtudes, pelos seus sentimentos caritativos”, bem como “pelo seu inextinguível patriotismo e pelo seu entranhável amor à família e aos amigos”. Segundo o semanário “os últimos anos de sua vida foram amargurados por profundos desgostos”, com perdas familiares e traições de correligionários, fatores que “abriram-lhe o túmulo, onde foram encerrados os seus despojos preciosos” e diante do qual a redação depositava “uma lágrima de saudade eterna” (O SÉCULO, 4 jun. 1882).



Um personagem que lutara em revoluções na América e na Europa, incluindo entre elas a gaúcha Farroupilha, Giuseppe Garibaldi, também foi lembrado por *O Século* na ocasião de sua morte. O falecimento era notificado como “uma triste notícia”, tendo

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

desaparecido não só “o grande patriota italiano”, como “o grande patriota de todo o mundo”, uma vez que “Garibaldi se bateu em toda a parte onde uma causa justa chamava por ele”. Nesse sentido, era descrito como aquele que combateu “na Itália, pela Jovem Itália; no Brasil, pelos revolucionários do Rio Grande do Sul; na América espanhola, pela República Oriental”; e ainda “na Itália, pela república romana” e “pela França republicana, contra a Alemanha monárquica”. Teria se batido tanto, “que a crença popular acabou por ligar esta legenda ao seu nome”, ou seja, “Garibaldi é invulnerável porque foi vacinado com uma hóstia consagrada” (O SÉCULO, 16 jul. 1882).



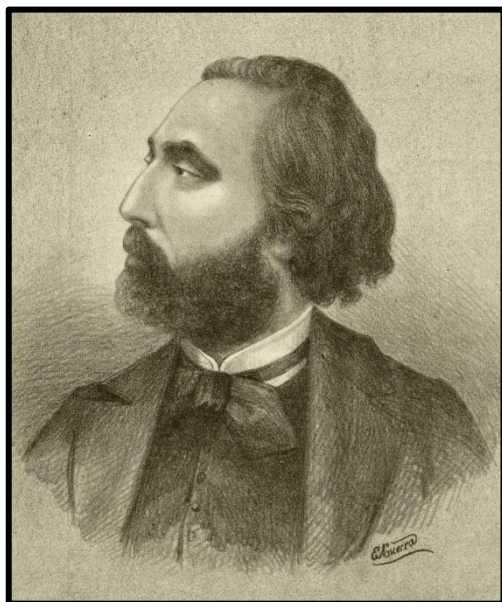
Ainda esteve dentre os homenageados do periódico porto-alegrense, por razão de sua morte o

advogado e escritor Luís Gama, um dos mais importantes propugnadores do ideário abolicionista no Brasil. Tal personalidade era apontada como um “tipo único da abnegação pela causa dos míseros párias brasileiros” e autor de “gloriosos feitos de libertador”. De acordo com a folha, “a glória” do falecido “reflete-se até a mais baixa camada popular, porque foi antes de tudo a cidadela de justiça e de direito, em que se refugiavam os escravos”, além do que, “seus braços” teriam se aberto “como amparo e esperança dos mais humildes, dos desprotegidos, dos desgraçados”. Considerava ainda que “a sua biografia, tal como a guarda o povo, é uma das páginas mais belas e honrosas do esforço humano, uma deificação do caráter”, além de sobre ele serem contadas “coisas extraordinárias”, com “fatos inspirados por uma dedicação sem limites” (O SÉCULO, 24 set. 1882; e 1º out. 1882).

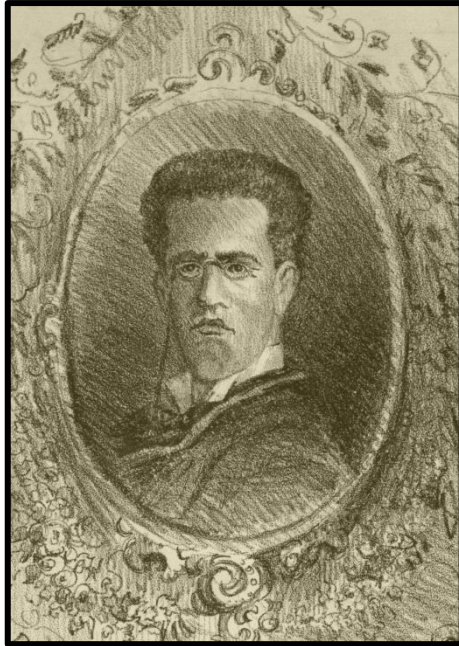


IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

O desaparecimento do político francês Léon Gambetta, com importante participação na vida pública interna e externa, foi igualmente notificado por *O Século*, que se propôs a apresentar “o retrato deste grande estadista francês”, como uma “homenagem aos franceses”. Resumidamente, o periódico declarava que “dizer quem foi Gambetta seria repetir aquilo que todos sabem, que todo mundo conhece, que toda imprensa já disse”. Dessa maneira, considerava que, “publicando o retrato de tão eminente patriota”, estaria rendendo “um tributo de respeito à sua inolvidável memória” e prestando “uma homenagem aos filhos da nobre França, residentes nesta capital” (O SÉCULO, 21 jan. 1883).



Outro tributo fúnebre de *O Século* foi prestado ao intelectual nascido no Brasil, mas que adotou a nacionalidade portuguesa, Antônio Cândido Gonçalves Crespo, de modo que o hebdomadário se propôs a dar o retrato do “mimoso poeta” recentemente falecido. Foram traçados alguns dados biográficos do escritor, vindo o periódico a concluir que o mesmo, “nas letras portuguesas, tanto quanto nas brasileiras, deixa um grande vácuo o golpe que vêm de feri-lo” (*O SÉCULO*, 15 jul. 1883). Ainda foi registrada pela folha ilustrada a morte da atriz portuguesa, que se apresentava no Brasil, Ester de Carvalho, cujo falecimento “tanto abalo” teria causado “na capital do império, onde era apreciada como uma excelente atriz” (*O SÉCULO*, 10 fev. 1884).

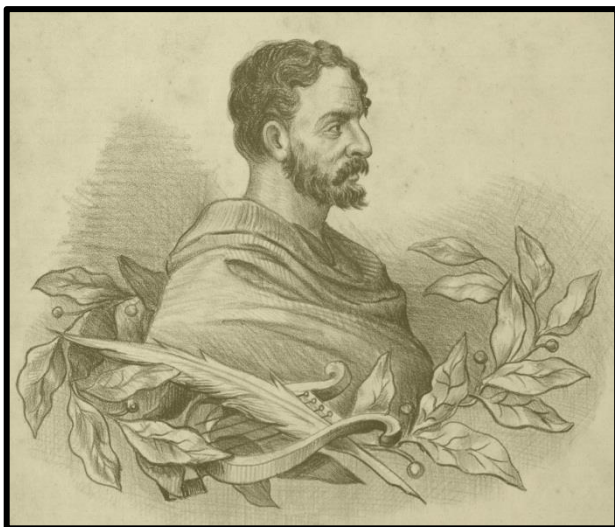


IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



Esteve igualmente dentre os elogios fúnebres da publicação ilustrada porto-alegrense o escritor brasileiro Bernardo Joaquim da Silva Guimarães, considerado como “um nome estimado e conhecidíssimo no Rio de Janeiro e em todo o Brasil”. Era definido como “poeta e prosador, jornalista, crítico” e “sempre decidido homem de letras”, constituindo “uma glória pátria”, que não poderia ser esquecido, por ser “um dos melhores talentos da pátria” (O SÉCULO, 13 abr. 1884). Um militar gaúcho, com participação na organização militar provincial e nos conflitos externos do império, o general Frederico Augusto de Mesquita, barão de Cacequi, apontado como “um dos heróis da Guerra do Paraguai”, recebeu também a “homenagem do *Século* à memória do ilustre soldado brasileiro” (O SÉCULO, 4 maio 1884).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

A folha ilustrada pelotense *A Ventarola* também promoveu a apresentação de registros fúnebres em suas edições. Foi o caso “do honrado cidadão João Jacinto de Mendonça e Silva”, que fora “roubado às carícias da digna família pela mão fatídica da morte”. O falecido era descrito como “dotado de um bondoso coração”, tendo vivido “sempre cercado da estima e da consideração públicas, pelo que foi a sua morte geralmente sentida”. Segundo o periódico, o retrato do morto e as linhas traçadas serviam “como homenagem de respeito e saudade à sua gratíssima memória” (A VENTAROLA, 2 maio 1889). O falecimento do rei português D. Luís foi outro elogio funéreo publicado pela publicação pelotense, que trouxe o registro imagético do estadista e qualificou-o como “monarca liberal, magnânimo, espírito esclarecido e, sobretudo, justiceiro”, tornando-se um “ídolo do povo português, que nele via não só o seu soberano, mas o patriota exímio que tudo empenhava pelo bem do país cujos destinos dirigia”, bem como “o amigo leal e sinceramente afetuoso que compartia de todos os pesares e a todas as alegrias dos seus súditos se associava” (A VENTAROLA, 27 out. 1889).

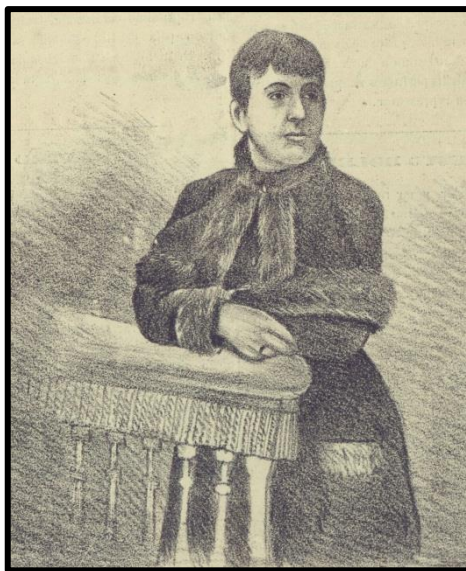
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

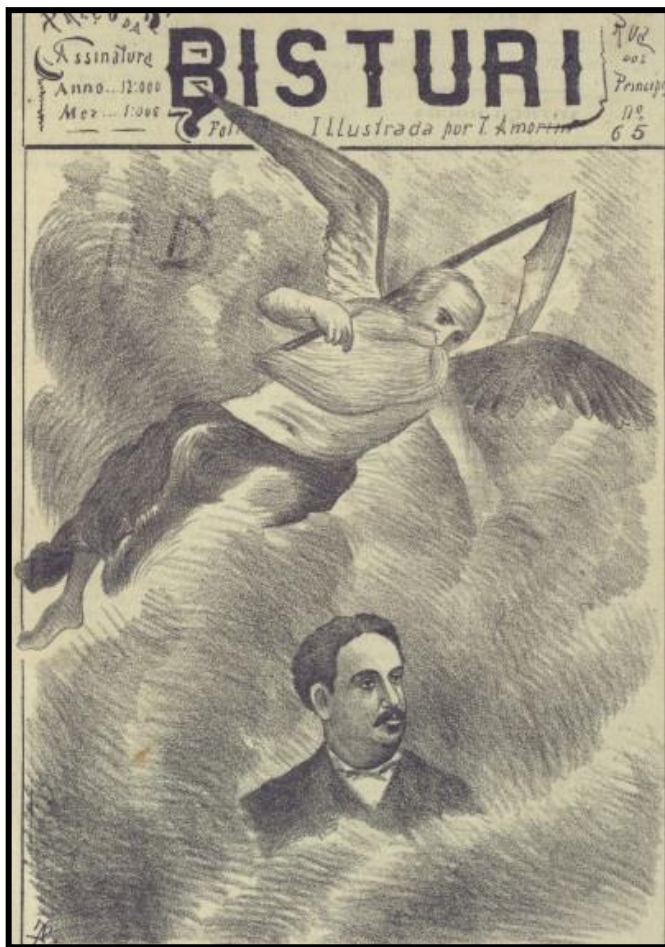
Ao longo de sua existência, o semanário ilustrado e humorístico rio-grandino *Bisturi* realizou várias notificações de falecimento voltadas a demarcar a relevância do passamento para registro junto à memória coletiva. Foi o caso “da infortunada e distinta pianista Luiza Leonardo”, a qual o público rio-grandino já tivera “ocasião de apreciar os seus dotes musicais”. Em seu retrato, ela era identificada como “a infeliz suicida”, ao passo que a nota fúnebre informava que “a desgraçada moça, alucinada por uma paixão infeliz”, pusera “termo à sua existência”, vindo a desperdiçar o seu “talento firme, delicado e impressionista” (BISTURI, 23 jun. 1889). Os naufrágios tão comuns na costa sul-rio-grandense e as mortes deles advindas fizeram igualmente parte dos informes trazidos nas páginas da folha caricata da cidade do Rio Grande, como foi o caso da cena reproduzida do sinistro marítimo, com destaque para uma das vítimas, Baltazar F. Pinto, acompanhada da constatação de que aquele “naufrágio é uma compungida realidade”, com o lamento pelos “pobres náufragos” e o “pobre Baltazar”, surgindo a partir do ocorrido “uma lágrima de dor a confundir-se no imenso oceano” (BISTURI, 22 set. 1889).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

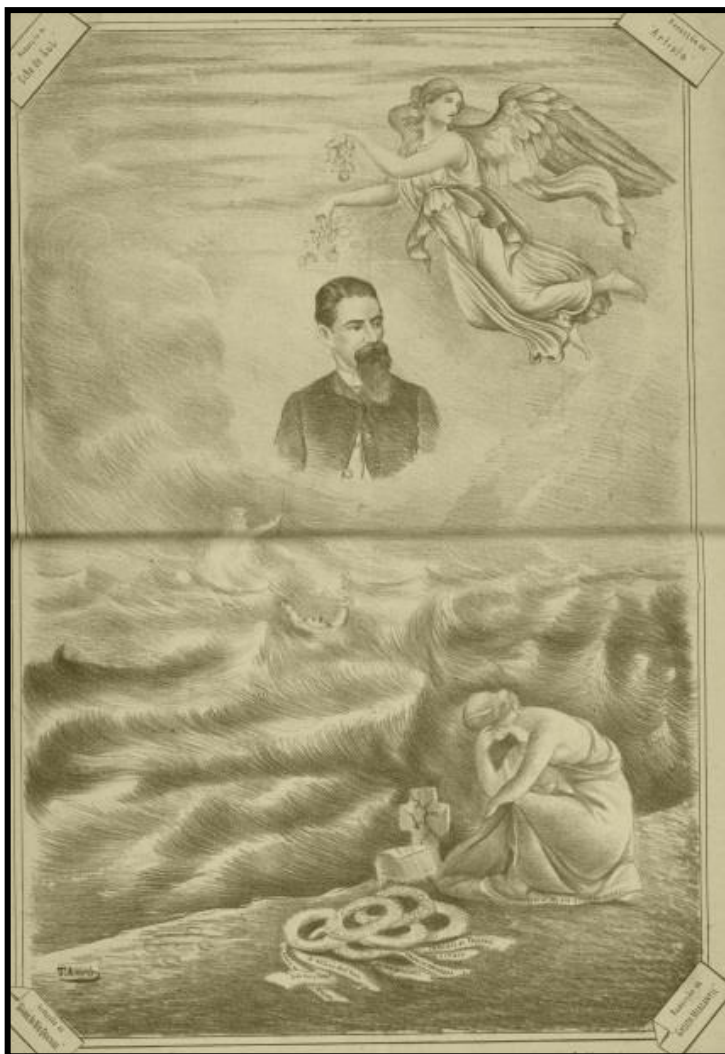
Em se tratando dos elogios fúnebres memorialísticos também esteve aquele em que o *Bisturi* destinou a Francisco Ferreira Rodrigues, mostrando a efígie do homenageado cercado pelas trevas da morte e acompanhado por uma figura que simbolizava o devir do tempo. Na forma de uma “homenagem de amizade e gratidão”, a folha noticiava “o seu inesperado desaparecimento da comunhão dos vivos”, ficando a “lembrança dolorosa de que jamais poderemos contemplar aquela fisionomia simpática, atraente e risonha”, na qual “deixava transparecer com toda a vitalidade a formosura de sua alma cristalina, a majestade do seu imaculado caráter, a nobreza dos seus sentimentos puros e generosos”. Explicava que o falecido deixara “no coração de todos uma saudade inextinguível e o mais belíssimo exemplo de esposo, de pai e de amigo”. Diante disso, o periódico concluía que “está cumprido o nosso doloroso dever, prestando nestas poucas linhas um tributo à memória daquele, cuja morte abriu em nosso coração um vácuo impreenchível” (BISTURI, 30 jun. 1889).



Um jornalista que atuava no imprensa rio-grandina e que acabou por morrer afogado em estação balneária no litoral citadino foi alvo da "Homenagem do *Bisturi* à memória do infortunado e notável escritor José Antônio da Rocha Gallo, tão prematuramente roubado às letras pátrias". Segundo a redação do periódico, "a

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

tristeza nos comprime o coração ao pronunciarmos o nome deste desventurado e emérito escritor que foi, na praia da Mangureira, engolido pelas embravecidas ondas do mar”. Dizia a folha que “o inesperado acontecimento feriu e consternou a sociedade inteira, que sempre lhe prestou todas as homenagens de admiração e respeito ao seu privilegiado talento”. E complementava afirmando que “realmente a sua morte deve ser por todos considerada como uma grande calamidade”, uma vez “que não foi simplesmente um homem que perdemos, foi a luz irradiante de um genial talento que subitamente apagou-se deixando-nos submersos nas trevas e na dor”. Destacava ainda que, “como escritor e jornalista, ninguém foi mais soberano, ninguém mais luminoso”, com “a sua mácula eloquência e superioridade de argumentações”, que lhe deu “um nome saliente”, o qual “tem atraído a admiração de todos os homens ilustrados e fulge, como um astro, entre os que mais resplandecem na vida do escritor”. O morto era ainda descrito como “notável polemista”, que manteve “lutas com os adversários pelos florões que enriqueciam a sua coroa original”, de modo que, “em cada página, em cada linha, em cada palavra dos seus escritos transpareciam as fulgurações de sua poderosa intelectualidade”. A gravura trazia o afogamento de Rocha Gallo, diante da divindade dos mares, enquanto sua efígie recebia flores de um anjo e, em sua lápide, chorava uma figura feminina representando a província gaúcha, além de terem sido depositadas coroas de flores da parte de entidades e do jornalismo local (BISTURI, 30 mar. 1890).



Outro escritor público teve as suas exéquias demarcadas pelo hebdomadário, tratando-se de Carlos Koseritz, jornalista que sofreu perseguições políticas do

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

castilhismo vindo a falecer. Na gravura aparecia o túmulo pranteado por um anjo com uma coroa de flores à mão, enquanto o ambiente era adejado por morcegos, com toda a sua carga simbólica negativa e comumente utilizado pela caricatura para representar os males que cercavam uma determinada sociedade. Nessa linha, a folha anunciava uma “Homenagem do *Bisturi* à saudosa memória do simpático e emérito jornalista Carlos von Koseritz vítima da... silêncio. Paz aos mortos...”. Com o falecimento, a folha lastimava que “não mais a voz deste rijo combatente se fará ouvir no campo de luta da nossa imprensa”. Ressaltava que “aquela figura suportou sobranceira e inflexível o embate de mil ciclones, desafiou o rancor dos adversários e o ódio dos esmagados” e, através de seu “poder possante amparou os fracos, defendeu os perseguidos e os humilhados pela avidez e perversidades dos fortes”. O falecido era descrito como “estrangeiro distintíssimo”, que se “consagrou devotadamente e sem condições nem reservas aos interesses da pátria que adotara”, dando-lhe “os melhores anos da sua vida, encaneceu servindo-a e morreu na estacada como os heróis que nunca desmentem a sua indômita coragem”. Enfatizava também que “os derradeiros dias de sua existência são ainda uma fulguração do seu espírito e uma revelação intensa da sua energia e vitalidade moral”, uma vez que, “perseguido por um poder rancoroso e quase autocrata, reduzido a ferros como um vil criminoso, desrespeitada a sua nobre família, ameaçada a sua vida”, e atacado “o seu lar querido”, de modo que “o homem de ferro, que nunca embainhara o gládio, temeroso de que o ferissem peito a peito”, acabou por deixar-se “vencer pelo desânimo, perante uma luta desigual, de sombras e

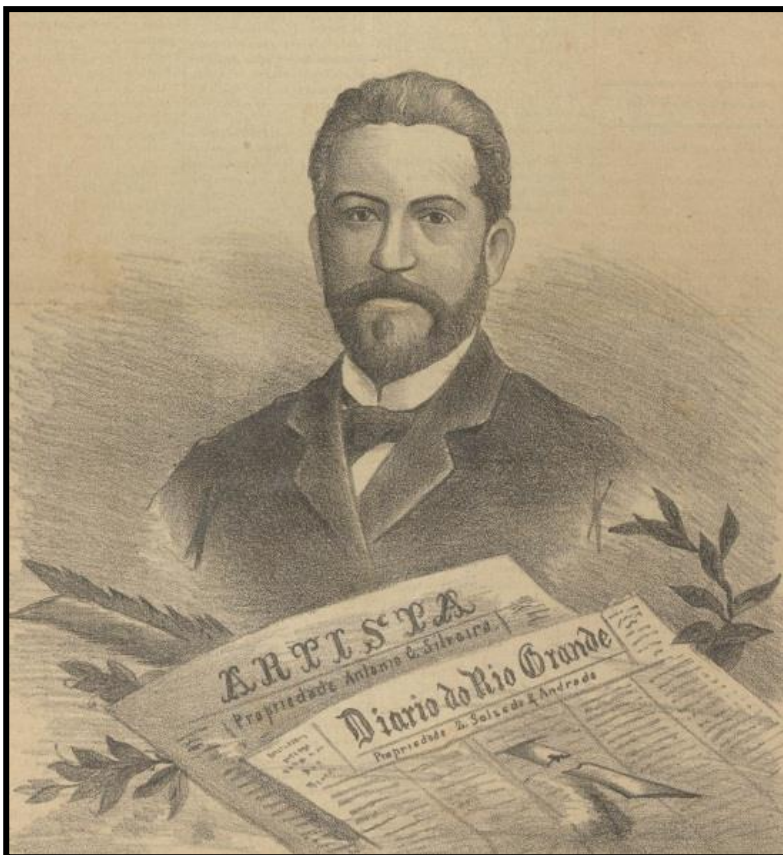
emboscadas”. Diante disso, indicava que “essa possante organização, que encheu de brilho as páginas da imprensa rio-grandense durante quarenta anos, esvaiu-se no túmulo”, vindo a abrir “um claro nas fileiras dos fiéis e francos contendores dos leais interesses públicos e do engrandecimento e prestígio da nação brasileira”. Ao final, a folha concluía que, “perante a sua memória reverentes e humildes nos curvamos, carregados de dor” (BISTURI, 29 jun. 1890 e 1º jun. 1890).



Também do ramo jornalístico, tendo atuado em diferentes órgãos rio-grandinos, foi outro protagonista de um elogio póstumo do *Bisturi*, cuja efígie aparecia adornada com os louros da vitória e com exemplares dos

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

jornais nos quais escreveu, acompanhada da inscrição: “Zacarias Salcedo – paz ao justo, glória à virtude”. Em seguida a publicação humorística noticiava que, “na capital federal, acaba de tombar este trabalhador enérgico, este amigo leal e sincero deste pequeno torrão rio-grandense, este denodado batalhador de todas as causas nobres”. Explicitava que “Zacarias Salcedo foi um inimitável, um edificante exemplo do poder da vontade; de modesto tipógrafo tornou-se um notável jornalista, e no *Artista e Diário do Rio Grande* este lutador intemerato” teria se elevado “à altura de um publicista distinto, compreendendo sempre que a independência é uma condição essencial a quem se consagra a tão dignificadora profissão, e fez-se independente”. A folha referia-se ainda à ação do personagem como parlamentar, considerando-o “um político distintíssimo, de crenças firmes e inabaláveis, mantendo-se ao lado do grande patriota Gaspar Martins em todas as lutas que empreendiam pela liberdade, em todas as gloriosas conquistas do Partido Liberal”, de modo a dar “sempre o mais eloquente testemunho do seu belo talento e capacidade intelectual”. Descrevia também que, “atualmente, Zacarias de Salcedo ocupava na capital federal o importante cargo de diretor de um banco de que fora fundador”, apontando que se tratava de um “desditoso colega”, que deixou “de si apenas um rastro luminoso e uma saudade que não se extingue”, de modo que, “sobre este túmulo que encerra uma vida tão preciosa, depositamos a humilde oferenda da nossa saudade” (BISTURI, 26 abr. 1891).



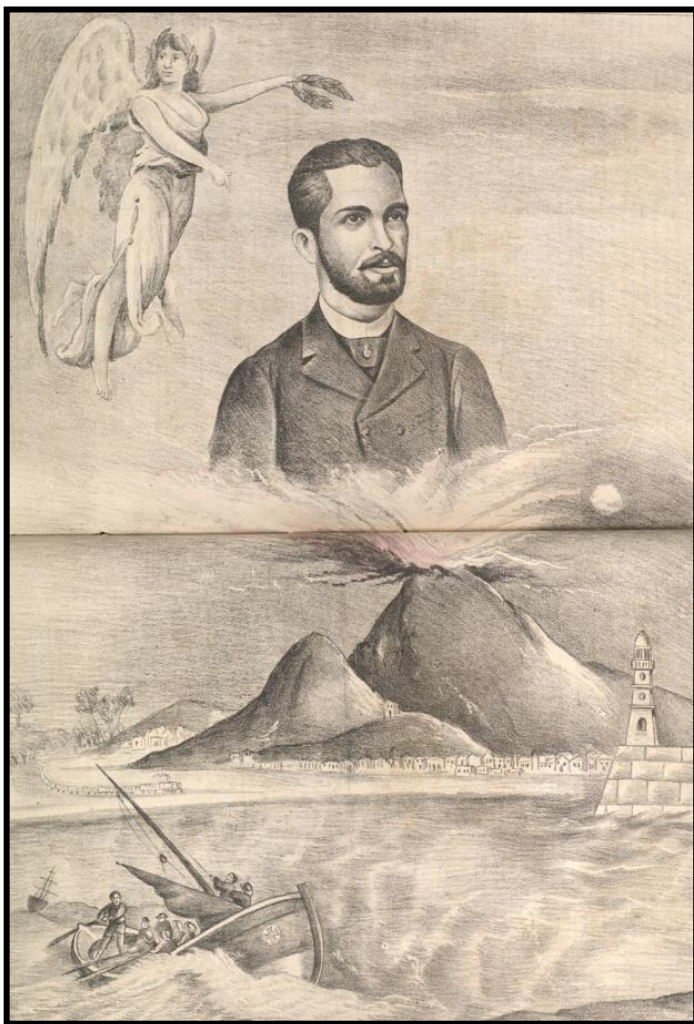
O militante abolicionista e republicano carioca Antônio da Silva Jardim, jornalista e advogado, considerado como um dos republicanos mais autênticos do Brasil, teve também uma homenagem fúnebre nas páginas do *Bisturi*. Na ilustração se fazia presente em primeiro plano o retrato de Silva Jardim, recebendo uma coroa de louros de uma figura angelical, ao passo que, abaixo, aparecia uma representação da cena de sua

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

morte, junto do vulcão Vesúvio. Na epígrafe, o periódico estabelecia: “Homenagem do *Bisturi* – Dr. Silva Jardim – Nome glorioso, que por si só representa uma epopeia gigante”, constituindo um “intemerato tribuno republicano”, que “faleceu no dia 2 de julho, tendo por sepulcro a cratera do Vesúvio”. Na concepção da folha, “Silva Jardim era talvez o único agitador puro da propaganda republicana, o único para quem o ideal democrático era uma crença profunda, um anelo constante e ardente”. Para a publicação rio-grandina, “dizer o que foi a sua vida durante o período da propaganda, traduzir com cores fulgentes essa campanha em que o emérito republicano chamou a si toda a popularidade”, congregando “em seu tomo uma nação toda, que o ouvia com entusiasmos febris, loucos”, tornava-se uma “tarefa que não cabe à nossa pena, ainda trêmula do choque que recebeu, e que ainda perdura ao traçar estas breves linhas em apologia ao gigante”. Pregava que, “na história da nossa evolução política, como nos pergaminhos de nossa própria tradição pátria, o nome de Silva Jardim há de existir sempre” sendo “iluminado pelos revérberos refulgentíssimos da imortalidade”. Declarava que aquela seria “uma imortalidade conquistada”, já que “ele, herói de si mesmo, traçou o seu renome e levantou o seu monumento”, de modo que, “é diante deste monumento que as nações do amanhã, que os cidadãos do futuro hão de descobrir-se, ao relembrares os inolvidáveis serviços do lutador, e a trágica morte do patriota”. Por fim a folha lastimava que “todo esse prestígio, toda essa pompa, toda essa glória, estão hoje ali, no seio fumegante da cratera”, sem deixar de enaltecer que “o túmulo foi

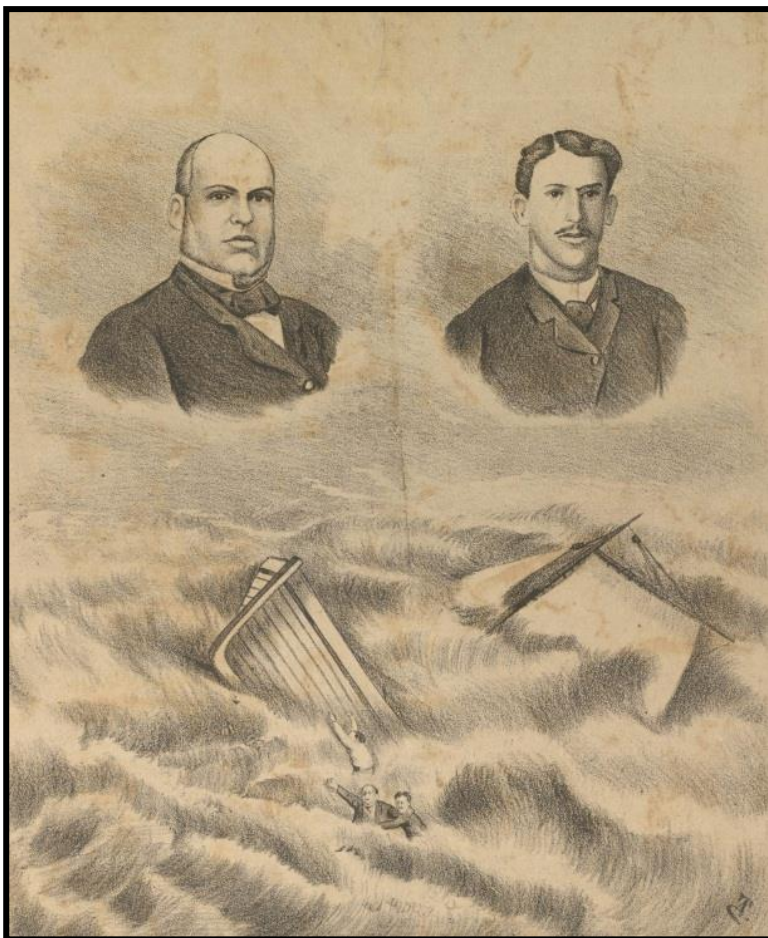
FRANCISCO DAS NEVES ALVES

soberbo: era o único túmulo que o herói podia ter”
(BISTURI, 12 jul. 1891).



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

Os retratos e a cena do naufrágio que os vitimou constituíram mais uma homenagem do periódico, que escreveu: “O comendador Joaquim F. do Espírito Santo e Belarmino Gomes dos Santos – vítimas do lamentável sinistro do dia 14 do corrente no lugar denominado Volta Grande”, demarcando uma “Homenagem de sentimento do *Bisturi*”. Perante o ocorrido, a redação dizia que “a nossa pena rasga o papel guiada pelo sentimento de pungentíssima dor”, pois “ela corre automaticamente, tristemente”, avassalada pela “enormidade da catástrofe que veio lançar o crepe do luto sobre o lar honesto e feliz de cidadãos respeitáveis e queridos”. Os mortos eram considerados como “nomes ilustres, que albergavam no grande e magnânimo coração a sinceridade de uma idolatria” de sua família. A folha argumentava que “a desgraça é egoísta”, já que “escolhe sempre aqueles que mais falta fazem ao meio social em que vivem, e onde são brilhantes ornamentos”, de maneira que, “sobre as vítimas do sinistro, o *Bisturi* lança as flores simbólicas dos seus sentimentos de veneração e saudade” (BISTURI, 25 out. 1891).

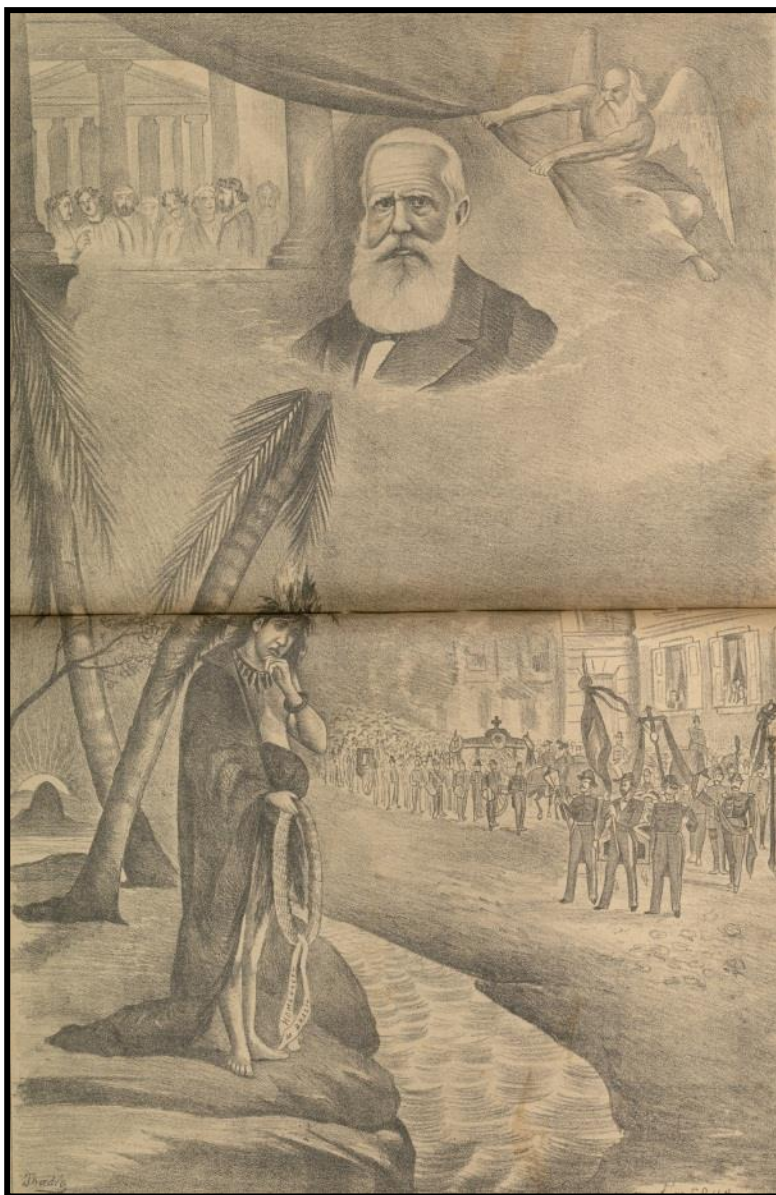


O imperador brasileiro, morto no exílio na Europa, para onde fora obrigado a se deslocar com a instauração da nova forma de governo, também contou com o elogio fúnebre da folha rio-grandina. Ele teve o seu retrato descortinado por uma representação da passagem do tempo, ao passo que, ao largo, apareciam

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

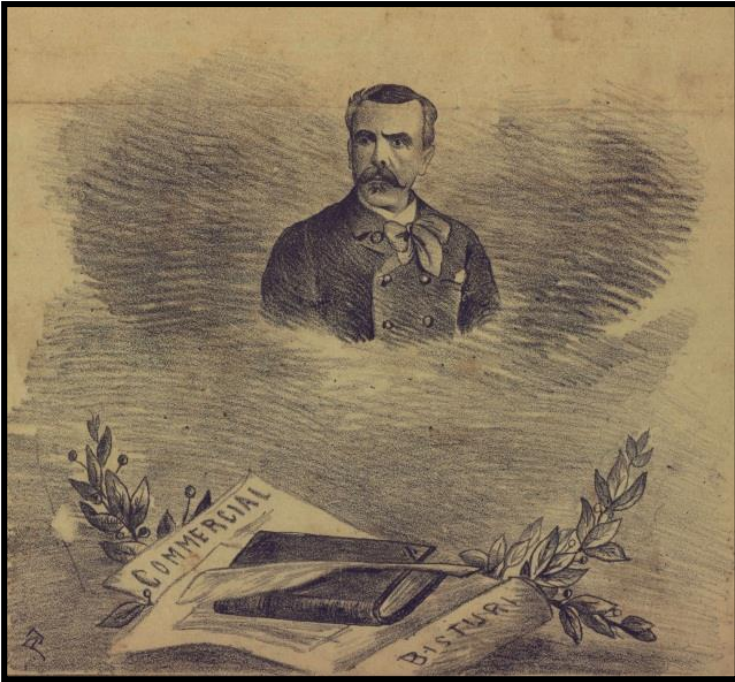
vários pensadores, em alusão à ilustração do estadista falecido, bem como, abaixo, era estampado um préstito e a figura do indígena que, como símbolo do povo brasileiro, dedicava ao morto uma coroa de flores, como sinal de seu lamento. A imagem era acompanhada pela inscrição “Homenagem de luto e dor prestada pelo *Bisturi* ao grande Pedro de Alcântara, ao amigo da humanidade, a bondade e a força, a glória da nossa pátria e do nosso século”. Diante do ocorrido, o semanário destacava que “longe, muito longe da pátria idolatrada, terminou a sua existência gloriosa, no dia 3 do corrente, o nosso querido ex-monarca D. Pedro II”. Dizia ainda que tal “nome, tão estremecido por todos os corações brasileiros, ainda não contaminados das podridões sociais”, era então “pronunciado por entre o marulhar das lágrimas da humanidade assombrada e triste”. Constatava assim que: “Pedro de Alcântara está morto! Quem não chora hoje a sua morte, quem não se revolta contra quem o exilou!...”. Ao final, declarava que “o *Bisturi* deposita uma coroa de lágrimas no esquife modesto do ilustre brasileiro e volve em pesado crepe o seu bandolim de boêmio alegre, para chorar, chorar a sua morte (BISTURI, 6 dez. 1891)”.

FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

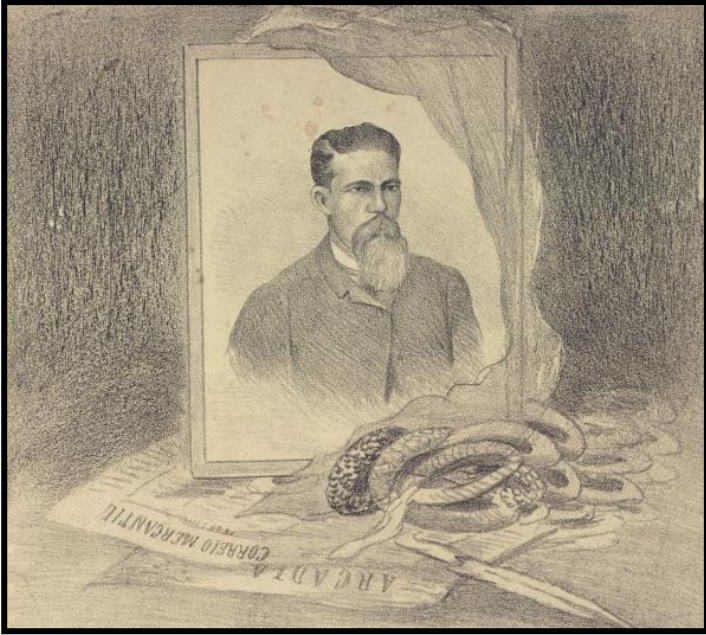
Mais um jornalista esteve dentre os que receberam elogio póstumo da publicação rio-grandina. Tratava-se de João Maria Machado Tavares, cuja efígie era adornada com coroa de louros e os jornais nos quais trabalhara. Segundo o hebdomadário “foi com profunda mágoa que recebemos a dolorosa notícia do passamento do infortunado jornalista” e “nosso bom amigo”. O falecido era apontado como “um homem de talento e dedicado à vida da imprensa”. A folha descrevia que “nas colunas do nosso pequeno periódico, por largo tempo, cruzou suas armas de jornalista, mostrando-se um escritor cheio de talento, verve e inspiração”, ao passo que, “na crítica, a sua pena era de uma fecundidade admirável”, constituindo “uma pena fluente, mimosa, embalsamada de louçanias”. Em conclusão o periódico dizia: “desventurado amigo, quanto nos compungiu a alma ao saber que tu expirastes no catre duro de um hospital”, o que teria sido uma “ironia da sorte!”; e que “o *Bisturi*, que tanto lhe deve, lamenta o passamento do desventurado e inolvidável amigo, derramando uma lágrima sentida sobre o seu modesto ataúde” (BISTURI, 17 jan. 1892).



Um outro militante da imprensa, na cidade do Rio Grande e na vizinha Pelotas, nas quais publicou folhas literárias e noticiosas, Antônio Joaquim Dias, contou também com página memorialística do *Bisturi*, que ornou o seu retrato com o crepe do luto, além de depositar-lhe coroas de flores e exemplares dos jornais que dirigiu. Segundo o caricato, “acaba de baixar à campa este lutador insigne que de simples tipógrafo elevou-se à altura de um jornalista distinto”. Dizia ainda que “tombou o valente batalhador de todas as causas justas”, sendo o mesmo “dotado de um gênio empreendedor, ativo e inteligente”, de modo que

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

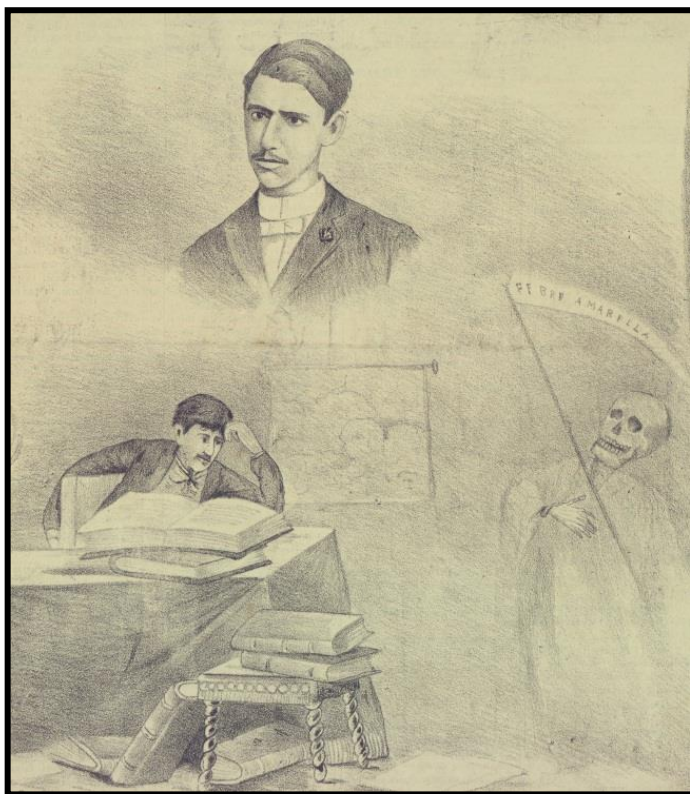
“ocupou sempre um lugar saliente entre aqueles que se dedicam à imprensa, que se entregam a esta luta grandiosa que há de um dia elevar a sociedade ao apogeu da glória”. A redação do periódico rio-grandino chegava a salientar que “não éramos afeiçoados de Dias, mas, neste momento, procuramos esquecer o mal que nos fez, para só lembrar o muito que trabalhou em prol dos destinos desta grande pátria”. Considerava que se tratava de um “homem probo, lutando com todos os obstáculos”, conseguindo, “pelo seu grande amor ao trabalho, fundar na cidade de Pelotas o *Correio Mercantil*, que foi o seu verdadeiro padrão de glórias”, no qual “errou, e muitas vezes, mas qual é o jornal, por mais correto que tenha sido o seu proceder, que não tem algum pecado?”. Concluindo a folha dizia que “estampando no presente número do nosso periódico o seu retrato, temos cumprido com o nosso dever” (BISTURI, 13 mar. 1892).



Uma morte prematura de um intelectual que colaborara na imprensa rio-grandina e partira para estudar Direito no Recife foi também lamentada pelo *Bisturi*, ao apresentar “o distinto e infortunado jovem Tito Canarim”, apresentando o seu retrato e uma cena na qual ele se debruçava sobre livros, como símbolo de seus estudos, enquanto aproximava-se o ceifador de vidas, identificado com a epidemia da febre amarela. Tendo em vista o ocorrido, a folha lastimava: “Pobre amigo, desditosa criança! Aos vinte anos, eis que lhe chega a hora fatal da sua eterna retirada”, vindo a morrer “quando começava a nascer, quando o sangue da mocidade palpitava-lhe febricitante e a imaginação a distender as asas em dourados devaneios”. Para o

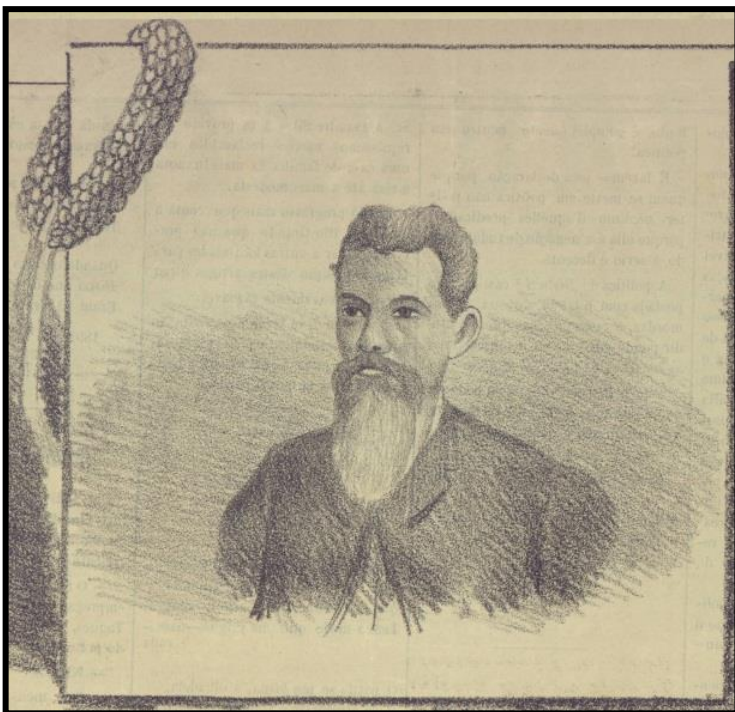
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

periódico, “Tito Canarim era um moço muito acima das inteligências vulgares, e ocupava um lugar saliente entre a mocidade estudiosa”. Além disso, ressaltava que, “em algumas folhas desta localidade e nas colunas do nosso modesto periódico fez ele publicar os seus primeiros ensaios literários, revelando muito talento, inspiração, engenho e critério”, mas que, infelizmente, finara-se “esta criança, tão cheio de vida, tão ativo e tão prestimoso” (BISTURI, 24 abr. 1892).



O passamento de um docente também apareceu dentre os pranteados pela folha caricata, tratando-se do professor Bibiano de Almeida, cujo retrato foi publicado com a presença de uma pequena coroa de flores. A publicação narrava que “deixou de existir este notável preceptor da mocidade, sendo bastante lamentada a sua perda”. Dizia tratar-se de “um homem de grande talento e ilustração, que consagrou os seus melhores dias de existência na educação da mocidade”, que, naquele momento, perdera “nele um mestre notável”, o qual deixara “diversos trabalhos que lhe deram renome”. No encerramento do elogio fúnebre, o semanário declarava que, naquela data, na qual, “para sempre o ilustre mestre dorme à sombra dos ciprestes”, era depositado, “sobre a laje fria do seu túmulo um punhado de flores em sinal de reconhecimento eterno e saudade profunda pelos imorredouros serviços prestados à mocidade brasileira” (BISTURI, 15 maio 1892).

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



Um dos poucos falecimentos registrados nas páginas do *Bisturi* que não teve uma relação direta com personalidades da vida política e intelectual foi o de uma mulher que sequer foi identificada por um nome completo e sim por uma alcunha, assim como tudo indica que o seu retrato era fruto de uma idealização, a partir das descrições recebidas. No entanto, tratava-se de uma figura que acompanhara as tropas federalistas, com as quais o periódico tinha plena identidade, mormente quanto ao combate à ditadura castilhista. Diante disso, a folha apresentava “A Ruiva – a vivandeira federalista, miseravelmente assassinada no acampamento pelas

forças do governo”, explicando que por tal denominação “a chamavam no exército libertador”. A mulher em questão era descrita como “alta, magra, loura”, e que “tinha antes o tipo de alemã do que de brasileira”. De acordo com a descrição do hebdomadário, ela “vendia café torrado, açúcar, ervas e outros gêneros que constituem um pequeno comércio nos acampamentos”. Ressaltava ainda que, “em marcha caminhava sempre franqueando o exército ou na retaguarda”, possuindo “uma pequena carroça em que se transportava a si e a um filhinho de ano e meio, que nunca a abandonava, e as mercadorias que constituíam o seu comércio”. A “Ruiva” foi elencada pelo periódico como mais uma das vítimas da violência castilhistas¹⁶ (BISTURI, 21 maio 1893).

¹⁶ Assim o *Bisturi* narrava tal morte: Na manhã de 12 ainda foi vista ocupando o seu lugar junto ao batalhão a pequena carroça da Ruiva. Nesse dia houve o combate de Upamoroty (...). O exército fez a passagem em ordem, acampando aquém e junto ao pouso. A carrocinha da Ruiva, porém, não foi vista esta noite junto ao batalhão, onde sempre acampava. No dia 13 mandou o general uma descoberta, a qual passando o arroio foi examinar o lugar onde se havia travado o combate do dia anterior. Um soldado do piquete vê estendido sobre o chão um cadáver de mulher e, junto a esse cadáver, uma criancinha que se entretinha a brincar, como se nada de extraordinário lhe houvera acontecido. Apeia-se o soldado, aproxima-se. No cadáver que ali jazia, degolado, reconhece a Ruiva do batalhão; a criancinha é o seu filho que, felizmente, havia sido poupado! A carrocinha!... Essa naturalmente havia sido levada como troféu de vitória!... O pobre soldado e seus companheiros deram sepultura à infeliz vivandeira, e para o acampamento trouxeram o inocente a quem a fúria dos

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



soldados do governo de nossa terra havia feito órfão. O capitão Pedro Fialho, condoendo-se da sorte do infeliz, recolheu-o, gratificando o soldado que o havia encontrado. Quem for hoje a Rivera, onde se acha emigrada a família do capitão Fialho, verá fazendo parte dessa família, uma criancinha loura, vestidinha de luto. É o filho da Ruiva. A caridade de um valente soldado do exército revolucionário restitui-lhe uma família que os soldados da nação lhe haviam roubado.

Assim, as folhas ilustradas e humorísticas rio-grandenses destinaram espaço significativo para o registro da morte. Em se tratando do falecimento de pessoas a que tais periódicos destinavam certo significado social, a abordagem da finitude da vida foi sublimada, com a utilização de diversas simbologias e alegorias e, na maior parte das vezes, do próprio destaque ao retrato do morto, no sentido de lembrá-lo como ele era em vida, de modo a garantir a sua continuidade junto à memória social. Essas publicações construíam então representações da morte, “compreendidas por outros que não aqueles que as fabricam”, comprovando a existência de “um mínimo de convenção sociocultural”, de maneira que “grande parte da sua significação” advinha de “seu aspecto de símbolo” compreensível para a sociedade que consumia seu produto editorial¹⁷. Tal conjunto de simbologias insistia na aproximação entre a finitude da vida e uma suposta relevância e até heroicidade do finado, levando em conta que a vida social também constitui “um sistema de ação regido por símbolos, uma estrutura de condições sociais e de papéis, de costumes e regras de comportamento”, voltados “a servir de veículo para o heroísmo dos seres”¹⁸.

¹⁷ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 40.

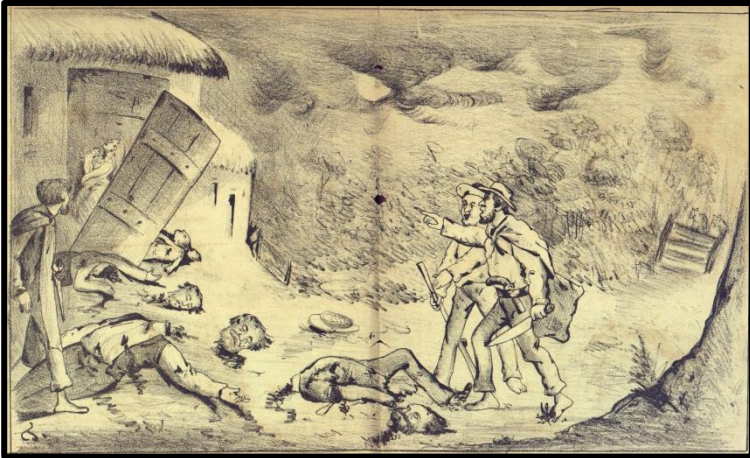
¹⁸ BECKER, Ernest. *A negação da morte*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 23.

A morte escancarada

Ao lado das representações da morte que buscavam filtrar o seu conteúdo mais infausto, as publicações ilustradas e humorísticas do Rio Grande do Sul que difundiam a arte caricatural também apresentaram uma versão mais aberta da finitude da vida, não se preocupando em trazer maiores peias na expressão de tal ato. Nesse caso, o leitor, ao informar-se por meio das imagens e textos sobre um falecimento, normalmente promovido de maneira violenta, não era poupado de detalhes, ficando escancarada a hediondez do acontecimento. Em termos gerais, essa modalidade de exibir a morte esteve articulada a questões de representatividade ou status social, de modo que a vítima era exposta tanto no seu viver quanto no morrer.

Uma das expressões dessa visão da finitude da vida deu-se por meio da publicação rio-grandina *Maruí*, ao mostrar uma cena tétrica, com várias pessoas mortas e cabeças cortadas. O episódio era descrito como “horrorosa hecatombe no distrito do Taim”, do qual resultaram “sete pessoas degoladas”. Era uma referência a uma zona sul-rio-grandense de baixa densidade demográfica, a caminho da fronteira extremo-sul com o Uruguai, país no qual, segundo o senso comum de então, aquele tipo de crime era bastante usual, e acabava por também ser incorporado para o lado brasileiro. Na ilustração apareciam os perpetradores dos crimes, ainda com facas e armas em mãos, enquanto ao solo jaziam quatro homens com as cabeças separadas dos corpos, ao passo que, dentro de uma residência com a porta

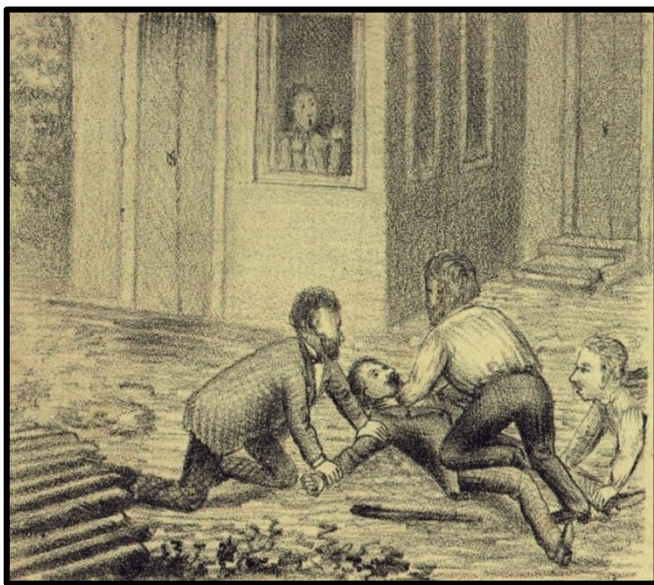
arrombada, também estavam mortos uma mulher e uma criança, revelando que não houve limites para a execução dos assassinatos (MARUÍ, 11 dez. 1881).

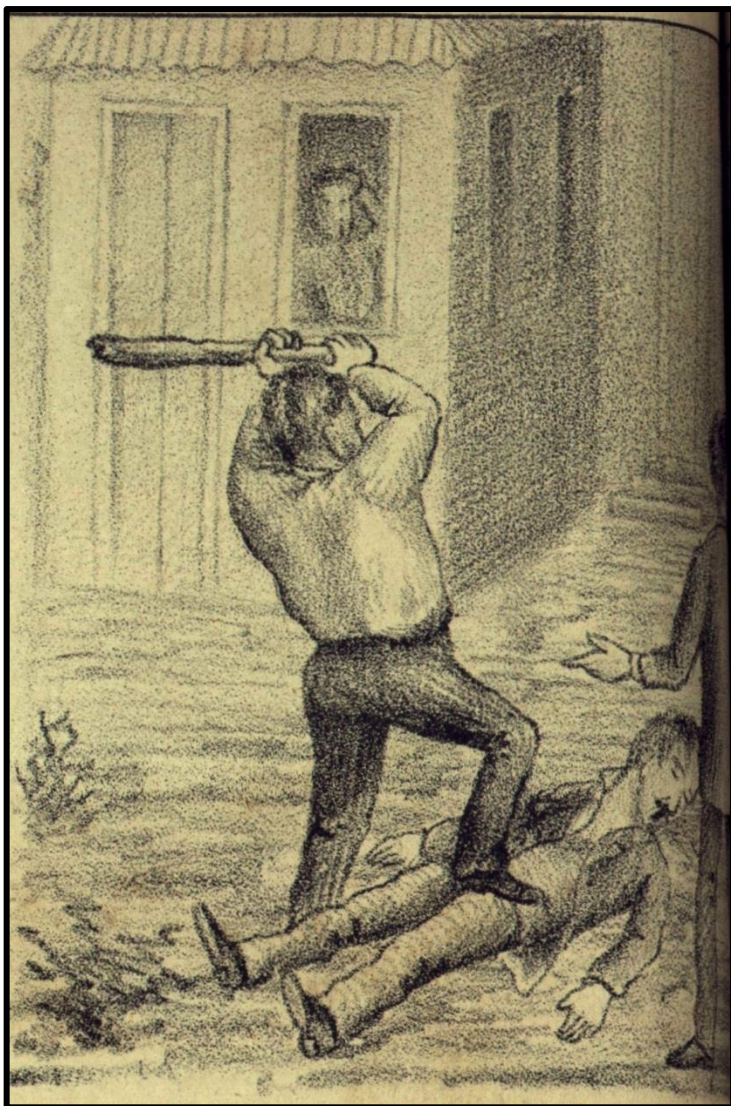


Tal forma de encarar a finitude da vida foi igualmente expressa pela publicação caricata pelotense *A Ventarola* que descreveu minuciosamente e imageticamente um assassinato ocorrido em região próxima à cidade de Pelotas. A folha mostrava três homens que imobilizavam outro contra o solo, em cena, que, “segundo a *vox populi* foi o princípio daquela hecatombe que tanto sobressaltou os honrados e pacíficos habitantes” da localidade. Explicava que o morto, além de asfixiado, fora atingido por uma paulada, que serviu como “tiro de honra”. Destacou também que a esposa da vítima, que fora obrigada a assistir todo o acontecido, também foi ameaçada pelos criminosos, diante do corpo, com o aviso de que, em caso de denúncia, aquele seria “o destino” que lhe

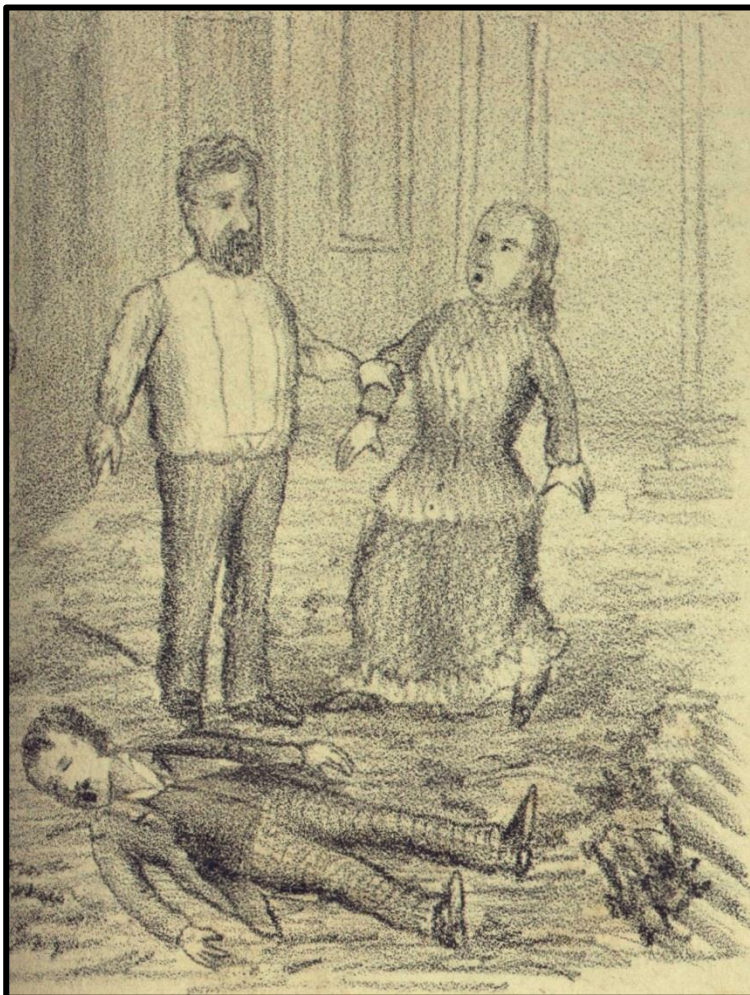
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

aguardaria. Para ocultar o cadáver, “o meio mais fácil” encontrado pelos malfeitores foi “lançá-lo às águas do São Lourenço com a competente pedra nos pés do infeliz”. Entretanto, “um pobre colono” se deparou “com o cadáver e corre aflito, comunicando o que acaba de ver”, além do que o baixo nível do curso de água permitiu que o corpo fosse vislumbrado por habitantes locais. Diante disso, o ato criminoso veio a ser apurado pelo juiz municipal, de modo que “o honrado promotor público reclama a prisão preventiva” do suspeito que “foi finalmente engaiolado”, sendo conduzido à prisão pela polícia. Ao final, o periódico deixava o desfecho do caso em aberto, com a frase exortativa e questionadora: “Veremos como se porta a justiça...” (A VENTAROLA, 1º maio. 1888).

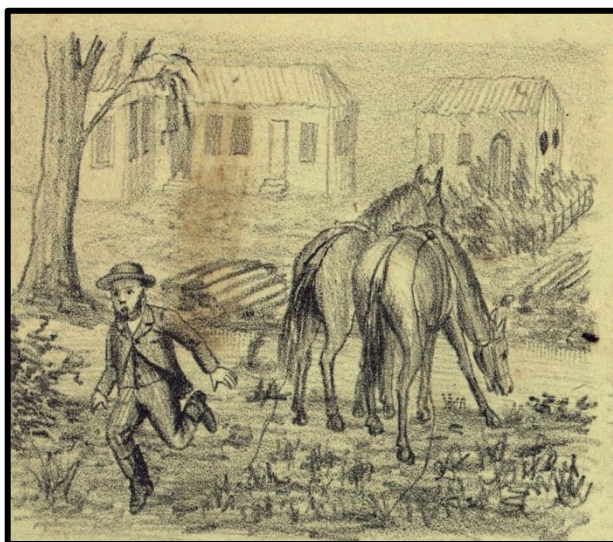
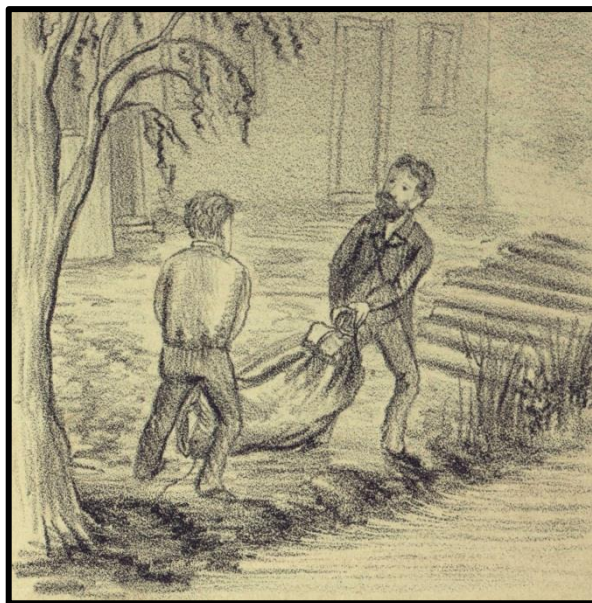




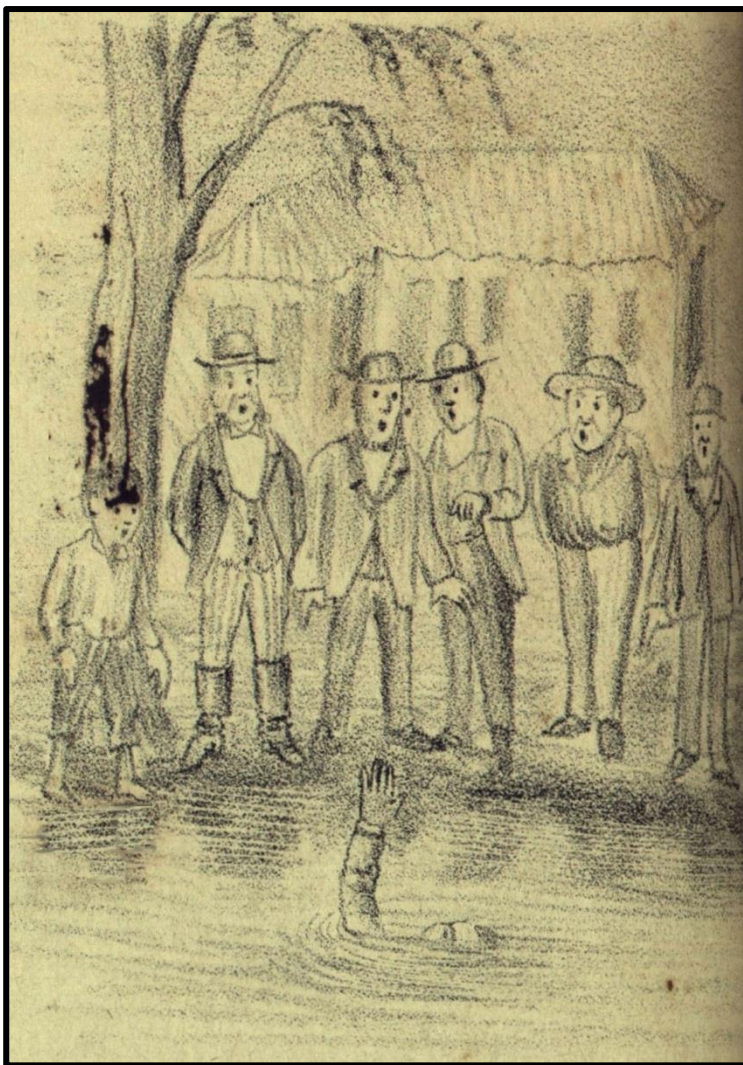
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E
HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



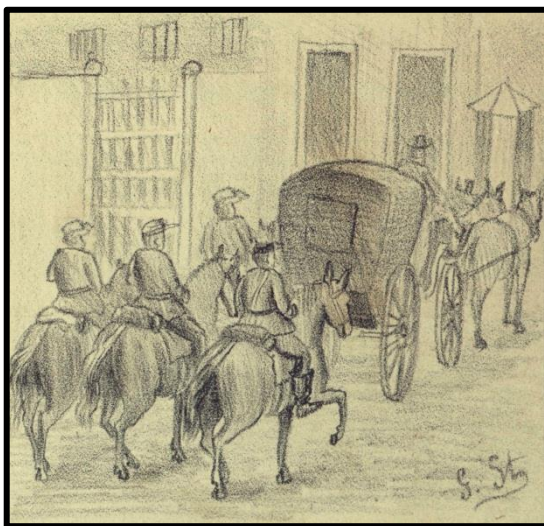
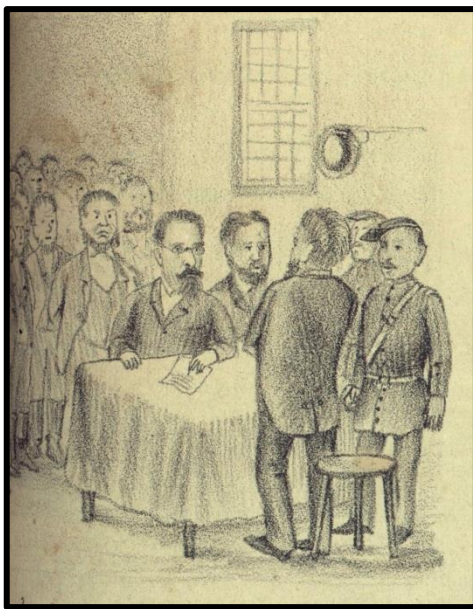
FRANCISCO DAS NEVES ALVES



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E
HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



FRANCISCO DAS NEVES ALVES

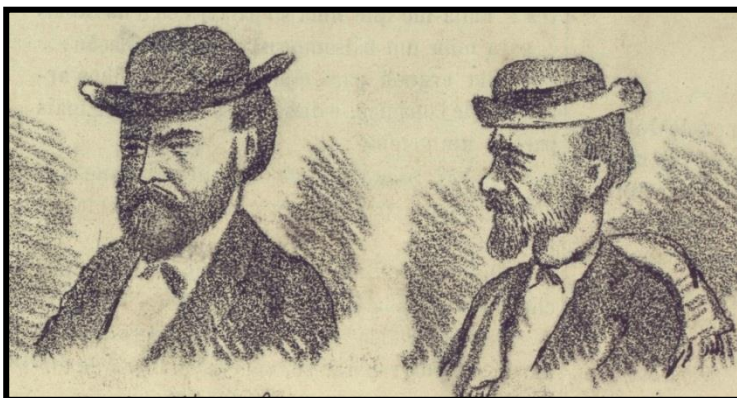


IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

Quanto à morte retratada em toda a sua crueza, um dos registros realizado pelo rio-grandino *Bisturi* foi aquele que mostrou o assassinato de Manoel de Sá, português de nascimento, mas que residia no Rio Grande há bastante tempo e era conhecido como Manoel Sujo, e de Helena, a mulher com a qual ele vivia. Ambos foram assassinados por estrangulamento e a gravura apresentava os dois corpos atirados ao chão, o homem seminu, aparecendo também os retratos dos criminosos. O periódico descrevia a “posição em que foram encontrados os cadáveres de Manoel de Sá” e “sua amásia Helena”. Apresentava ainda “os indigitados assassinos das duas vítimas”, chamados Antônio Ibarrola e Pedro Urquia, explicitando que, “aos gritos dos infelizes, a vizinhança, cheia de pavor, foi despertada”, e “reconhecendo que se perpetrava um crime, correm à janela e apitam por socorro”, enquanto, “os bandidos fogem pelos telhados” e “a polícia, que nem sempre dorme, veio surpreendê-los, conseguindo deitar-lhes a mão encima” (BISTURI, 30 set. 1888). A *Ventarola* também viria a tratar do mesmo crime por meio de descrição iconográfica (A VENTAROLA, 25 ago. 1889).

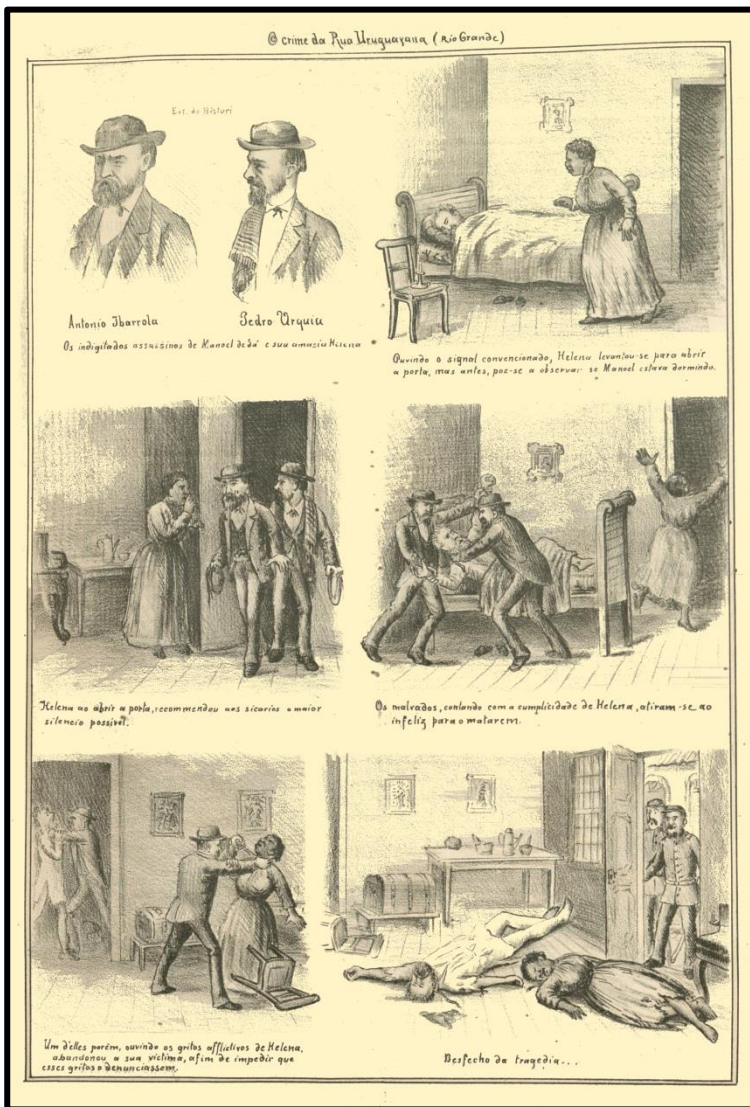


- Bisturi -



- Bisturi -

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



- A Ventarola -

Um caso de suicídio, trazendo a imagem da morta em sua cama apareceu na iconografia estampada pelo semanário rio-grandino, ao mostrar “a infortunada suicida Joana Fernandes – quadro copiado do natural”. Diante do caso, o periódico afirmava que “há fatos, que pela singularidade e pela sua grandeza, merecem ser registrados na história contemporânea”, de modo que, “quando esta, já afastada, receber outro nome, oferte-os aos descendentes dos espectadores da atualidade”. Explicava que “numa das páginas ilustradas do nosso jornal, apresentamos o retrato de Joana Fernandes, a desditosa mulher a quem o desprezo e a crueldade tornaram-na suicida”. Dizia que fora “uma vítima do amor, arrastada a um caminho incompatível com os seus princípios”, pois “não tinha a alma corrompida”. Descrevia que, “à proporção que a matéria inconsciente se afundava no paul da desgraça, o espírito elevava-se à contemplação dos grandes corações”, de forma que “lamentamos a sua morte”. Em seguida, publicava “uma carta que foi encontrada em poder da infortunada moça”, na qual a suicida dizia-se vítima de uma “cruel ingratidão” da parte de um homem que a martirizara “impiedosamente”, deixando-lhe por meio daquele ato, “o remorso”, como “implacável inimigo”, o qual perseguiria o culpado “dia e noite até o fim do mundo”, bem como “uma declaração” a respeito do seu suicídio, de modo que o mesmo pudesse “chegar ao conhecimento de toda a população rio-grandense”, vindo a estar “vingada” a sua morte. Ainda a respeito do acontecimento, a folha caricata comentava que “uma pobre moça pôs termo à sua atribulada existência, ingerindo uma forte dose de veneno”, deixando “a desgraçada suicida algumas cartas, nas quais contava a

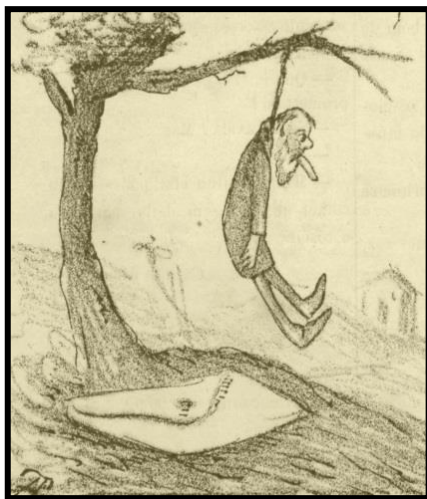
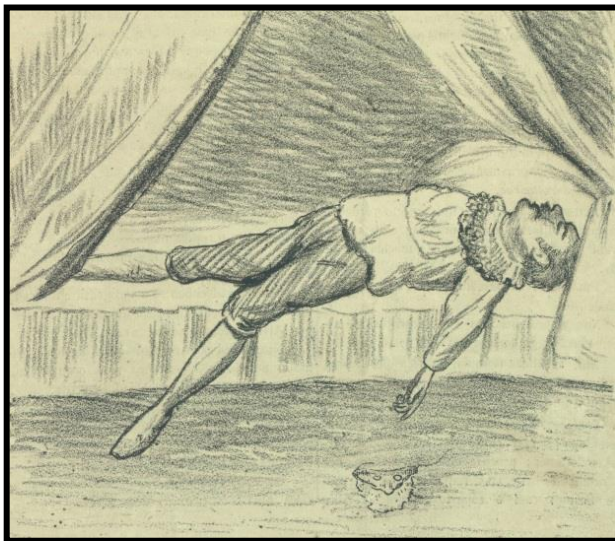
IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

triste história dos seus amores, que a arrastou àquele ato de suprema loucura” (BISTURI, 4 nov. 1888).



Mortes sem maiores detalhes sobre o ocorrido igualmente foram registradas pelo *Bisturi*, como no caso de um homem, que, fantasiado, tendo a máscara caída ao chão, aparecia fenecido em uma cama. Por legenda aparecia apenas a inscrição “*Requiescat in pace*”, ou seja, descanse em paz. Os trajes e a época em questão indicavam que se tratava de um falecimento ocorrido durante os festejos do carnaval (BISTURI, 10 mar. 1889). O desenho do enforcamento em uma árvore de um homem que cometera suicídio, deixando uma missiva para sua mulher foi também apresentado pelo periódico. Segundo a folha, “para os lados de São José do Norte, suicidou-se o Sr. Manoel Moraes, no dia seguinte ao seu casamento”, vindo a declarar “numa carta que deixara que aquilo praticava porque não podia corresponder ao grande amor que tinha a sua esposa”. No encerramento,

a publicação concluída: “É o cúmulo do amor” (BISTURI, 29 jun. 1890).



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

Maus-tratos seguidos de morte de crianças foi outro tipo de falecimento reproduzido nas páginas do semanário. Dentre tais casos, em meio às crônicas semanais, expressas de modo imagético e textual, o periódico mostrava “uma criança morta a pauladas” (8 set. 1889, p. 4). Trazendo o retrato da mãe e dos seus filhos por ela assassinados na França, a publicação caricata se referia à “Joana Souhem, a famigerada mãe que, em Puy-Ymberte estrangulou seus cinco pequeninos filhos”, identificados como Pedro Eugênio, 6 ½ anos; João Batista, 10 meses; Pedro, 11 anos; Maria Margarida 3 ½ anos; Maria, 10 anos. Ao destacar “o drama de Puy-Ymberte”, a folha dizia: “Apresentamos na página central do nosso jornal o retrato da famigerada Joana Souhem, e dos seus pequeninos filhos que foram por ela estrangulados na madrugada do dia 10 de abril”. Citava trecho do *Correio da Europa*, narrando “os pontos mais importantes da lúgubre tragédia”, passando a descrever minuciosamente o crime, referindo-se aos “corpos inanimados” das crianças, que tinham sido vestidas e alimentadas pela mãe “criminosa”, a qual executara os assassinatos enquanto seus filhos dormiam (BISTURI, 29 set. 1889).

FRANCISCO DAS NEVES ALVES

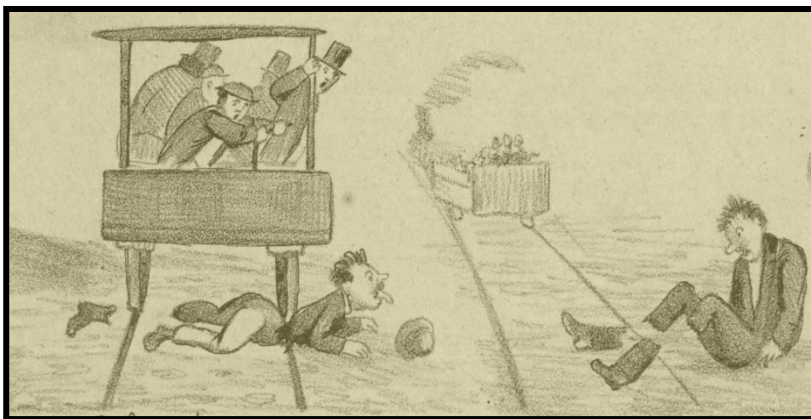


IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



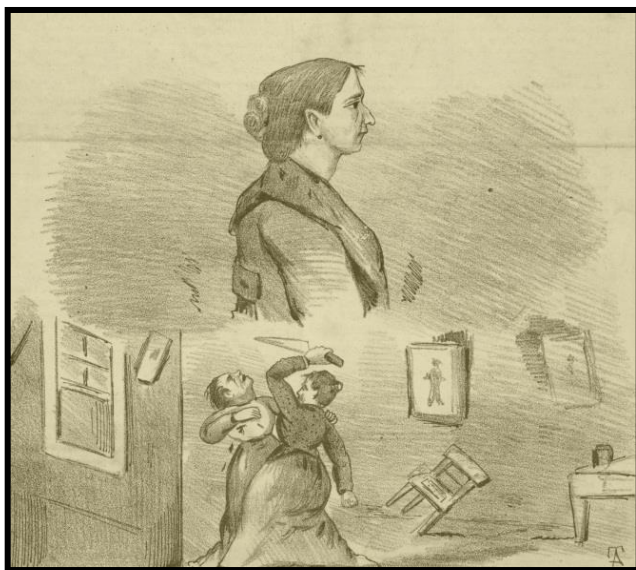
Mais uma vez publicando suas crônicas semanais, o *Bisturi* apresentou duas mortes violentas, uma a de um homem que tivera as pernas decepadas em um acidente e a outra a de uma mulher que foi queimada viva. Nas matérias, o periódico dizia: “Pobre Baiano! O desastre da companhia dos bondes suburbanos. Realmente, é o caso para um homem perder todo o amor à vida”, apresentando também “Brígida Cordeiro, devorada pelas chamas”. Em relação aos falecimentos, a folha se referia a “dois desastres”, descrevendo que “a semana estreou fatalmente, registrando no grande livro das desgraças humanas, dois acontecimentos lamentáveis”. Em um deles “uma pobre mulher de cor, por nome Brígida Cordeiro, foi devorada pelas chamas”, quadro descrito pelo jornal, ao dizer que “a infeliz mulher achava-se no isolamento do seu quarto e presume-se que engomando, quando se deu o horrível desastre”, o qual, “em poucos momentos, a levou à sepultura”. Já o outro ocorrera “na linha de bondes a vapor da Mangueira, sendo a vítima José Dias, por antonomásia *José Baiano*, guarda-freio daquela linha”, o qual, “caindo na ocasião em que o trem seguia, foi por ele horivelmente esmagado”, para em seguida

ser “levado para a Santa Casa e dali para a vala comum”.
Em conclusão o semanário limitava-se a dizer:
“Desgraçados” (BISTURI, 16 mar. 1890).



IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

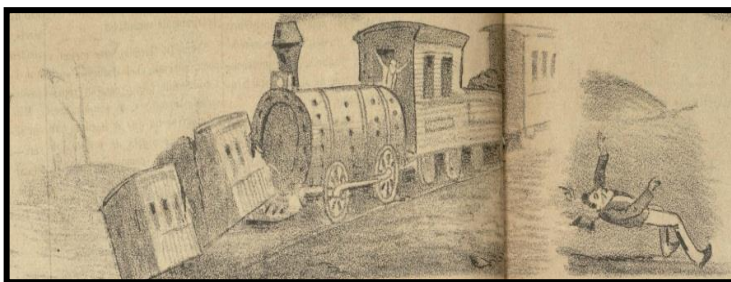
Um assassinato ocorrido em um hospital no Rio de Janeiro despertou a atenção do *Bisturi*, ao mostrar o retrato da morta e a cena do crime, no qual a perpetradora esfaqueava a vítima. Tratava-se do caso de uma enfermeira que teria se afastado do seu lugar de trabalho, sem autorização superior, de modo que, na volta ao serviço, foi admoestada pela parteira de plantão. Como aquela faltou com o respeito para com esta, acabou por ser despedida e, insatisfeita, retornou a casa de saúde, onde desferiu doze facadas contra a parteira. Assim foi descrito tal cenário pela folha rio-grandina: “Januária de Medeiros, a célebre enfermeira que na Maternidade da Faculdade de Medicina da Capital Federal assassinou” a “facadas a Mme. Alexandrina Asti, parteira do referido estabelecimento” (BISTURI, 1º jun. 1890).



Um outro acidente seguido de falecimento foi descrito pelo semanário caricato, que não poupou críticas à companhia férrea responsável pela linha em questão. Segundo o periódico, “o desastre ocorrido na Estrada de Ferro, perto da Estação Basílio, e que custou a vida do maquinista Miguel Janini”, teria levantado “na imprensa local um grito de indignação contra a direção geral do serviço da malfadada Estrada de Ferro *Southern Brazilian*”. Apresentando a tragédia, ao mostrar o empregado com a cabeça esfacelada pelo trem, a folha anunciava que, “no próximo número nos alargaremos mais nas considerações que temos a fazer relativas às causas que determinaram a morte de um pobre moço e a miséria extrema de uma família”. O *Bisturi* apontava para “abusos inqualificáveis”, que mereceriam “uma condenação severa”, por terem sido “praticados com o maior cinismo e imprudência que é possível imaginar-se”. Conforme anunciado, o hebdomadário dizia: “Vamos falar do desastre ocorrido na Estrada de Ferro na Estação Basílio, que roubou a vida do inditoso maquinista Miguel Janini”, o qual deixou “na extrema pobreza sua esposa e quatro filhos”. Diante disso, lamentava: “Pobre Janini!... quis garantir a vida dos passageiros, sacrificando a sua! Morreu gloriosamente, no seu posto de honra... de onde foi tirado quando já tinha a cabeça despedaçada”. Segundo a narração, a vítima poderia “salvar-se daquela morte horrível, atirando-se em terra, mas não o fez, preferiu morrer com a consciência limpa de pecados”, vindo a estar “entregue ao luto e à miséria a viúva e quatro filhinhos, soluçando pelo caro ente que lhes dava alegrias e lhes assegurava os elementos de subsistência”. A publicação ilustrada trazia ainda a gravura de mortos, que teriam sido

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

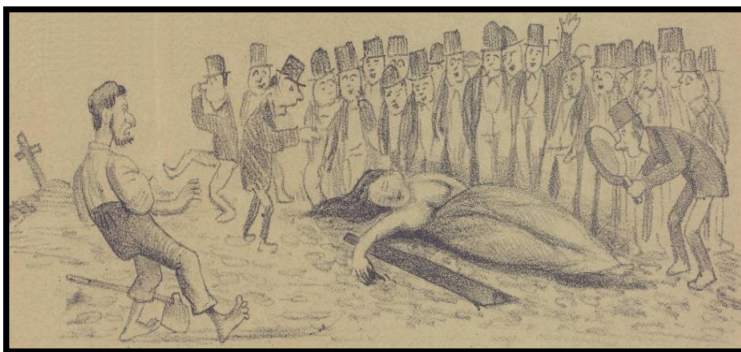
vítimas da empresa em pauta, relatando que “não é limitada a estatística das ocorrências desastrosas da Estrada de Ferro *Southern Brazilian*”. Também denunciava que “já é crescido o número das vítimas, devido à má direção” e “à pouco escrupulosa escolha de pessoal habilitado”, pois seriam concedidos “empregos a quem sujeita-se a pingues ordenados, que oferece a companhia”, concluindo que aquela constituía “uma companhia supinamente econômica, que vive a sugar o suor dos pobres empregados” (BISTURI, 12 abr. 1891 e 19 abr. 1891).



O corpo de uma suicida, exposto ao público para a realização de uma exumação foi outra presença da morte nas gravuras do *Bisturi*. O periódico descrevia que “Henriqueta, a infeliz suicida, nem sequer teve a paz do túmulo”, pois “imprensas sem escrúpulos, ávidas de escândalos e noveleiros miseráveis, tentando ferir a reputação de um homem de bem, fantasiaram um crime hediondo”, no qual “só havia uma desgraça a lamentar”. Dizia ainda que “a infeliz Henriqueta”, uma “desgraçada enjeitada dos carinhos maternos e da sorte”, que “sofreu atrozmente”, como uma “mártir, para quem a vida foi tão cheia de amarguras e dissabores, de dores, de lágrimas e misérias”. Comentava que a suicida, “mais do que tudo, prezava a sua honra, embora tivesse de lutar braço a braço com a indignação, coberta com as vestes puídas da miséria”, sem conhecer “os perfumes que embriagam, o luxo que deleita, os passeios, os teatros, os bailes que extasiavam e arrebatavam”, bem como “nunca abriu a flor do coração ao sol da sociedade” e “nunca teve numa hora de felicidade, um momento de alegria, um beijo de mãe”. Segundo a folha, tratava-se de uma “pobre menina”, que “sofria muito”, como “desgraçada enjeitada, ora aqui, ora ali, servindo de *lacaia* em casas particulares”. Afiançava que, mesmo assim, “Henriqueta soube sempre ser honesta, soube sempre libertar-se das tentações dos sedutores”, entretanto, “não pode mais a coitadinha suportar o enorme peso do seu infortúnio”. Explicava que, “sozinha no mundo e tão desgraçada”, ela “teve talvez medo de ver rolar pelo lodo da prostituição as alvas flores de sua coroa de virgem”, vindo a por “termo à sua atribulada vida”, suicidando-se. Para o semanário tratava-se de uma “coitada”, tão

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

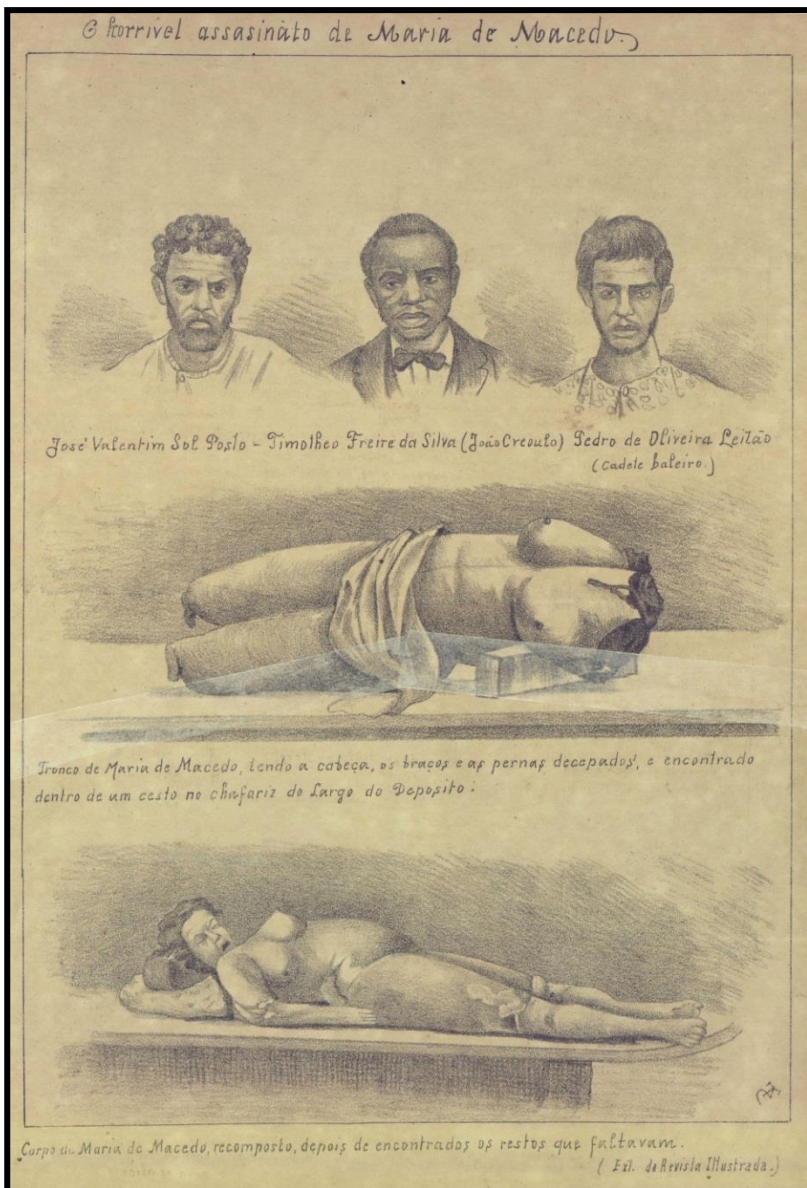
“pura que nem sequer um pensamento que não seja digno de um anjo lhe passou pela mente”, sendo “digno de respeito aquele cadáver”. No entanto, questionava: “Mas, do que vale a virtude, a virgindade, a pureza, as flores da alma em uma moça pobre?”. E apontava que, diante de “calúnias” quanto à moça ter chegado “àquele ato de desespero”, por ter “sido criminosamente desonrada”, teria “a justiça” se visto “obrigada a profanar a sua eterna morada, para proceder autópsia na desgraçada suicida, sendo depois de rigoroso exame, reconhecida a sua virgindade” e também “o tóxico que determinou a sua morte”. Em conclusão, a publicação ilustrada constatava que “todos os rigores sofreu a pobrezinha, mas felizmente, os *noveleiros* não conseguiram poluir a candidez de suas asas; seu bafo impuro e maligno não pode tisonar as flores de sua capela virginal”. E, por fim, desejava: “Dorme desgraçada mártir!” (BISTURI, 7 fev. 1892).



Uma das cenas em que a morte apareceu ainda mais efetivamente em sua forma nua e crua, com toda a

hediondez, foi o registro do assassinato de uma mulher que teve o corpo esquartejado. Tratava-se de um crime cometido no Rio de Janeiro, no qual Maria Macedo tivera a sua morte premeditada por um grupo de homens, cujos nomes foram apurados pelas autoridades policiais. Ela sofreu um profundo golpe de navalha no pescoço, para em seguida ser degolada. Com uma machadinha e um facão teve desarticulados os braços, antebraços e pernas, sendo os membros mutilados colocados em um saco e jogados ao mar, enquanto os assassinos planejavam vender o tronco do cadáver como se fosse carne de porco. A imagem era descrita como “o horrível assassinato de Maria de Macedo”, sendo também estampados os retratos dos implicados no crime, José Valentim Sol Posto, Timóteo Freire da Silva (João Crioulo) e Pedro de Oliveira Leitão (cadete brasileiro). O periódico explicava que o desenho trazia o “tronco de Maria de Macedo, tendo a cabeça, os braços e as pernas decepados e encontrados dentro de um cesto no chafariz do Largo do Depósito” e, logo abaixo, aparecia o “corpo de Maria de Macedo recomposto, depois de encontrados os restos que faltavam” (BISTURI, 16 out. 1892).

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES



O cadáver de um homem sobre sua cama em um pequeno cômodo foi outra presença iconográfica da morte nas páginas do *Bisturi*. A cena era anunciada como “o horrível aspecto do desgraçado André Perez, no leito onde fora assassinado e queimado”. Sob a chamada “Mistério”, o periódico descrevia que “mais um horroroso crime acaba de ser perpetrado nesta cidade” e narrava que, “na Rua Zalony, esquina Rua Uruguaiana, existe um pequeno hodel de propriedade de um tal Perez espanhol”. E prosseguia, descrevendo que, durante à noite, após a retirada dos “empregados daquele estabelecimento, Perez cerrou as portas, recolhendo-se ao seu quarto de dormir”, o qual era descrito como “um pequeno quarto que mal cabe uma pequena marquesa de pinho, com mesinha ao lado a um tosco cabide onde se achava dependurada alguma roupa de seu uso”. Destacava ainda que, “no estabelecimento só pernitoou um rapazito, oficial de alfaiate conhecido por Castanheira”. Segundo a folha, Castanheira teria procurado um outro espanhol morador do Rio Grande, de nome Garcia, “pedindo a este para ir à casa de Perez, pois que este parecia estar com um ataque no seu quarto de onde partiam gritos agonizantes”. A força policial foi avisada, vindo a entrar “no hotel e em seguida no pequeno quarto do desgraçado Perez”, no qual se deparou com “um quadro horrível”, em que “Perez estava estendido no leito num mar de sangue e com o corpo completamente carbonizado”. De acordo com a matéria jornalística, “do exame que ligeiramente procedeu-se ficou demonstrado que Perez havia recebido no crânio um golpe tremendo que lhe produziu a morte imediatamente”, ao passo que “o criminoso, com o auxílio do gás”, ateara “fogo no colchão de palha

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

em que ele dormia para melhor esconder o seu crime”. Explicava ainda que a presunção era a de que “Castanheira fosse o autor do monstruoso crime, com o fim de roubar ao desgraçado uma pequena economia que possuía”. E complementava com a informação de que “Garcia, em Pelotas foi sócio de Perez” e “esteve na noite do crime conversando com Castanheira, presumindo-se ter cumplicidade no crime”, vindo ambos a ser “presos e interrogados pela ativa autoridade policial, tendo Castanheira caído em muitas contradições”. Com uma incursão à crítica de cunho social, o hebdomadário concluía: “Os autores do crime, felizmente, não são potentados, nem influências políticas, por isso é de presumir que não escapem à ação da justiça” (BISTURI, 29 jan. 1893).



A morte apresentada pelo seu prisma hiante foi outra das opções discursivas e imagéticas de que lançaram mão as publicações ilustrado-humorísticas sul-rio-grandenses voltadas à difusão da caricatura. Sem maiores freios, tais folhas expuseram abertamente algumas formas hediondas de morrer, não poupando figuras de carnes e ossos dilacerados, destroçados, carbonizados, entre outras maneiras de representar a crueza da morte. Além de em geral revelar um conteúdo social no que diz respeito à pessoa morta, normalmente relacionada a segmentos sociais desfavorecidos e/ou a indivíduos que não apresentavam determinado reconhecimento em meio à sociedade, essa forma de demonstrar a finitude da vida revelava um potencial interesse do público leitor em consumir essa forma de manifestação jornalística. Tal perspectiva vem ao encontro de que as construções imagéticas – e as textuais a elas articuladas – trazem consigo “uma mensagem visual” compreendida “entre expressão e comunicação”, com “o seu horizonte de expectativa e os seus diferentes tipos de contexto”¹⁹. Nessa linha, os semanários caricatos levavam em conta “uma das grandes redescobertas do pensamento moderno”, ou seja, “de todas as coisas que movem o homem, uma das principais é o seu terror da morte”²⁰. Nesse quadro pelo qual o fim da vida era apresentado de modo escancarado servia para revivificar tal sentimento de temor, mantendo-o ao menos figurativamente afastado do leitor, contido nas páginas

¹⁹ JOLY, Martine. *Introdução à análise da imagem*. Lisboa: Edições 70, 2004. p. 69.

²⁰ BECKER, Ernest. *A negação da morte*. 3.ed. Rio de Janeiro: Record, 2007. p. 31.

IMAGENS DA MORTE NOS PERIÓDICOS ILUSTRADOS E HUMORÍSTICOS SUL-RIO-GRANDENSES

impressas, mas, ao mesmo tempo, demonstrando que ele poderia ser real e efetivo e não apenas imagético.

Durante o século XIX, “as atitudes diante da morte e dos mortos foram tomando novas formas e novos sentidos”, em um quadro pelo qual, “as mudanças no estilo de morrer refletiram e influenciaram mudanças no modo de pensar e sentir” do próprio conjunto da sociedade²¹. As representações da finitude da vida seguiram assim duas vertentes essenciais nas páginas dos caricatos gaúchos, “a da escatologia e a da memória”, constituindo “duas sobrevivências” que perduraram da modernidade à contemporaneidade²². Essas “diferentes mortes-acontecimentos significam coisas diversas, segundo o lugar” dos “campos que ocupem” e “de acordo com a classe particular de morte a que pertençam”. Nesse quadro, surgem duas formas diferenciadas de prantear a morte, de acordo “o status” de quem observa “e o status da pessoa que morreu”. No entanto, “apesar da diversidade” entre as mesmas, “elas não deixam de apresentar uma certa similitude”, notadamente quanto à perspectiva pela qual “o ato de morrer – talvez o mais íntimo da existência humana – é

²¹ REIS, João José. O cotidiano da morte no Brasil oitocentista. In: *História da vida privada no Brasil – Império: a corte e a modernidade nacional*. São Paulo: Companhia das Letras, 1997. p. 96 e 141.

²² ARIÈS, Philippe. *O homem perante a morte*. Sintra: Europa-América, 2000. p. 261.

transformado em uma ocasião pública”²³. Os periódicos ilustrados e humorísticos rio-grandenses-do-sul apresentaram muito a contento as duas versões, havendo uma tendência de sublimar simbolicamente a morte dos indivíduos mais próximos e/ou aqueles aos quais era atribuída certa relevância sociocultural, econômica e/ou política, ao passo que a finitude era apresentada em toda a sua fealdade e horror no caso dos mortos mais distantes e/ou ainda aos que não eram vistos pelo mesmo prisma de proeminência social.

²³ RODRIGUES, José Carlos. *Tabu da morte*. 2.ed. Rio de Janeiro: Editora FIOCRUZ, 2006. p. 15, 32 e 48.



COLEÇÃO RIO-GRANDENSE

A **Cátedra CIPSH (Conseil International de la Philosophie et des Sciences Humaines/UNESCO) de Estudos Globais da Universidade Aberta** e a **Biblioteca Rio-Grandense** reuniram esforços para editar a *Coleção Rio-Grandense*. Mais meridional unidade político-administrativa brasileira, o Rio Grande do Sul, tem uma formação preñe em peculiaridades em relação às demais regiões do Brasil, estabelecendo-se uma sociedade original em vários de seus fundamentos. Da época colonial à contemporaneidade, a terra e a gente sul-rio-grandense foram edificadas a partir da indelével posição fronteiriça, resultando em verdadeira amálgama entre os condicionantes luso-brasileiros e platinos. A *Coleção Rio-Grandense* tem por intento fundamental a divulgação da produção intelectual acerca de variadas temáticas versando sobre o Rio Grande do Sul, com preferência para as abordagens de natureza cultural, histórica e literária.



UNIVERSIDADE
AbERTA
www.uab.pt

**Cátedra CIPSH
de Estudos Globais**
2020-2025

